



## Editorial

“O projeto Iluminista. 200 anos depois de Kant” é o título da reportagem de capa da revista semanal alemã **Der Spiegel** de 29-12-03. Revistas e jornais europeus dedicaram páginas e páginas para celebrar o bicentenário da morte de Emmanuel Kant. No Brasil, até o momento não tivemos conhecimento de nenhuma publicação comemorativa. Assim, o **IHU On-Line** dedica uma ampla e fascinante reportagem de capa a este filósofo, cuja obra é fundamental para entender a sociedade moderna. Manfredo de Oliveira, Guido de Almeida, Ricardo Terra e Valério Rohden são

os nossos entrevistados deste número. Traduzimos também artigos da filósofa espanhola Adela Cortina, do filósofo italiano Gianni Vattimo e do teólogo e cardeal alemão Karl Lehmann. Queremos, assim, como Unisinos, celebrar condignamente este bicentenário, pois acreditamos que as intuições kantianas, como as intervenções acima nominadas mostram, são de crucial importância para dar conta aos desafios que hoje pedem responder.

Trazemos, também, para a reflexão e análise dos nossos leitores uma entrevista de Amartya Sen, um artigo da Dra. Zilda Arns, comentando o Programa Fome Zero, e um comentário de Patrick Viveret sobre os temas apresentados para o Fórum Social Mundial a ser realizado em Porto Alegre, em 2005, depois do evento de Mumbai, na Índia.

A todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

## EMMANUEL KANT

Reproduzimos uma biografia de Emmanuel Kant escrita por Rubem Q. Cobra, disponível na Página de Filosofia Moderna **Geocities**: <http://www.antroposmoderno.com/biografias/Kant.html>

Emmanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, em geral considerado o pensador mais influente dos tempos modernos, nasceu em Königsberg, atual Kaliningrado, em 22 de abril de 1724. Não casou nem teve filhos, falecendo no dia 12 de fevereiro de 1804 aos 80 anos. Kaliningrado situa-se onde foi a Prússia Oriental, um território no litoral sul do Báltico, parte da Rússia desde 1946.

Kant era filho de um artesão que trabalhava couro e fabricava selas. Sua mãe, de origem alemã, embora não tivesse estudo, foi mulher admirada pelo seu caráter e pela sua inteligência natural. Ambos seus pais eram do ramo pietista da Igreja Luterana, uma subdenominação que requeria dos fiéis vida simples e integral obediência à lei moral.

A influência de seu pastor permitiu a Kant, o quarto de 11 crianças, porém o mais velho sobrevivente, entrar na escola pietista onde estudou por oito anos e meio principalmente os clássicos latinos.

Em 1740, aos dezesseis anos, Kant entrou para a universidade de Königsberg onde estudou até os 21 anos. Apesar de ter assistido a cursos de teologia e até pregado alguns sermões, ele foi atraído mais pela matemática e pela física. Ajudado por um jovem professor, Martin Knutzen, que havia estudado Christian Wolff, um sistematizador da filosofia racionalista, e que também era um entusiasta da ciência de Sir Isaac Newton, Kant começou a ler os trabalhos deste físico inglês e, em 1744, começou seu primeiro livro, o qual tratava de um problema relativo a forças cinéticas: ***Idéias sobre a Maneira Verdadeira de Calcular as Forças Vivas***.

Aos 21 anos, - apesar de haver decidido seguir uma carreira acadêmica -, com a morte de seu pai em 1746 e o seu fracasso em obter o posto de subtutor em uma das escolas ligadas à universidade, Kant se viu obrigado a desistir temporariamente de seu projeto e a buscar meios imediatos de se manter. Foi compelido a suspender os estudos universitários e ganhar a vida como tutor particular. Durante nove anos, manteve essa ocupação, atividade em que foi bem sucedido e que lhe permitiu conviver com a sociedade mais influente e refinada de seu tempo. Serviu a três famílias diferentes, tendo nesse período viajado à cidade próxima de Arnsdorf. Em 1755, ele retornou a Königsberg e lá passou o restante de sua vida.

Em 1755, ajudado por um amigo, Kant pode completar seus estudos na universidade. Obteve seu doutorado e assumiu a posição de livre docente (Privatdozent, professor sem salário).

A seguir, por 15 anos, ele ensinou na universidade, primeiro dando aulas de Ciência e Matemática, mas gradualmente ampliando seu campo de interesse a quase todos os ramos da filosofia. A Física newtoniana o impressionou, não apenas pelas suas implicações filosóficas quanto pelo seu conteúdo científico. Comoveram-no igualmente as asserções leibnizianas, as quais criticaria no futuro. A fama de Kant como professor e escritor aumentou constantemente durante seus 15 anos como livre-docente. Cedo ele já lecionava sobre muitos assuntos além de física e matemática, incluindo lógica, metafísica e filosofia moral. Até mesmo ensinou sobre fogos de artifício e fortificações e cada verão, por 30 anos, deu um curso popular sobre Geografia Física. Ele teve grande sucesso como professor: seu estilo, que diferia grandemente daquele de seus livros, era humorístico e vivo, vivificados por muitos exemplos de suas leituras em literatura inglesa e francesa, viagem e geografia, ciência e filosofia.

Embora as aulas e os trabalhos escritos nesses 15 anos como livre-docente estabeleceram sua reputação como um filósofo original, ele não recebeu uma cadeira na universidade até 1770, quando tornou-se professor de Lógica e Metafísica, uma posição que manteve até 1797, continuando nesses 27 anos a atrair grande número de estudantes para Königsberg.

O ensino não ortodoxo de religião de Kant, que era baseado no racionalismo mais que na revelação, colocaram-no em conflito com o governo da Prússia e, em 1792, ele foi proibido pelo rei Frederico Guilherme II de ensinar ou escrever sobre temas religiosos. Kant obedeceu a essa ordem por cinco anos, até a morte do rei e então se sentiu liberado dessa proibição. Em 1798, o ano que se seguiu a sua aposentadoria da universidade, ele publicou um resumo de seus pontos de vista religiosos.

Com pouco mais de 1,50 m de altura, com o peito deformado e sofrendo de saúde precária, Kant manteve através da sua vida um severo regime. Era um sistema cumprido com tal regularidade que as pessoas diziam poder acertar os relógios de acordo com sua caminhada

diária ao longo da rua, que depois recebeu o nome, em sua homenagem, de "Caminhada do Filósofo", até que a idade o impediu. Sabe-se que ele somente deixou de aparecer regularmente na ocasião em que o "Emile", de Rousseau o fascinou tanto que ele ficou em casa por vários dias para poder lê-lo.

Após um declínio gradual, que foi muito doloroso para seus amigos, tanto quanto para ele próprio, Kant morreu em Königsberg, em 12 de fevereiro de 1804. Suas últimas palavras foram: "Isto é bom". Segundo a revista *Der Spiegel*, 29-12-03, ele sofreu no final da vida de uma doença semelhante a Alzheimer e não conhecia mais os mais próximos dele.

A *Crítica da Razão pura* foi publicada em 1781 e a *Crítica da Razão prática*, em 1788.

## A HERANÇA DE KANT:

### A VINCULAÇÃO RADICAL ENTRE RAZÃO, LIBERDADE E ÉTICA

#### Entrevista com Manfredo de Oliveira

*Contribuindo com suas reflexões sobre a importância do pensamento de Kant, o professor Manfredo Araújo de Oliveira da Universidade Federal do Ceará, Departamento de Filosofia, concedeu ao IHU On-Line a entrevista que publicamos a seguir. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza, obteve mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG) Itália, com dissertação intitulada "A concupiscência na teologia de Karl Rahner". cursou o doutorado em Filosofia na Universität München Ludwig Maximilian, na Alemanha, e sua tese teve o título "Subjetividade e mediação: estudos sobre o desenvolvimento do pensamento transcendental em Kant, E. Husserl e H. Wagner". É autor de várias obras, entre elas *Diálogos entre razão e fé*. São Paulo: Paulinas, 2000; *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2001; e *Para além da fragmentação*. São Paulo: Loyola, 2002.*

#### **IHU On-Line- Como Emmanuel Kant veria o momento pelo qual está passando a Filosofia contemporânea?**

**Manfredo de Oliveira-** Ele certamente veria como um momento que apresenta traços estruturais muito semelhantes a seu próprio tempo. Em primeiro lugar, trata-se de uma filosofia que levou para adiante sua crítica às pretensões metafísicas de se articular como teoria do Absoluto e a partir do Absoluto. O pensamento contemporâneo aprofunda a idéia de que nossa consciência é finita, que não é fundamento de si mesma, portanto, que é essencialmente contingente e limitada. Mas ele também estaria feliz de ver que neste contexto, a partir da reviravolta lingüística, se renova hoje, em alguns pensadores, a perspectiva nova que ele abriu para a filosofia: a da reflexão transcendental sobre os pressupostos irrecusáveis de nosso conhecimento finito.

#### **IHU On-Line- A partir da concepção de ética de Kant, quais seriam apontados como principais problemas éticos da Globalização?**

**Manfredo de Oliveira-** Ele retomaria suas considerações de uma filosofia do "direito cosmopolita" que trata das relações dos estados nacionais entre si. A questão subjacente para Kant é aqui a efetivação da paz. Assim como os estados nacionais garantem a paz internamente pelo estabelecimento do direito, também a paz global só pode ser garantida se pensarmos numa "república mundial", isto é, no estabelecimento de normas jurídicas universais que possam reger de forma racional as relações dos estados entre si. Portanto, ele estaria muito bem situado nas discussões atuais sobre um Estado Universal que emergiram a partir do novo contexto de um mundo que se globaliza.

**IHU On-Line-** Nos últimos dias notícias sobre falta de ética na política tem lotado os jornais ao ponto de chegar a se perguntar se é possível a ética na política. O filósofo José Arthur Gianotti disse em recente artigo que é próprio do mundo da política uma certa zona de amoralidade e que é insensato exercer o poder beneficiando o inimigo. **Como se relacionam em Kant ética, moral e política?**

**Manfredo de Oliveira-** Kant distinguiu na esfera da razão prática diferentes dimensões de normatividade, ou diferentes níveis de legislação que em última instância dizem respeito às diversas esferas de realização do ser humano como ser livre. Isto significa que não existe dimensão da práxis humana que escape à normatividade. Aqui também vale o princípio: toda autoridade provém da razão. É, contudo, muito importante a distinção das “diversas esferas de normatividade” que não está presente na nossa discussão atual. É fundamental a distinção entre a legislação ética que tematiza a lei fundamental da liberdade interna e a legislação jurídica que diz respeito à lei fundamental da liberdade externa, onde se situa propriamente a problemática da política. O princípio do direito formula a condição de coexistência de indivíduos livres, a condição de igual liberdade para todos. Assim, Kant define o direito como “a soma das condições sob as quais o arbítrio de um pode ser unificado com o arbítrio do outro segundo uma lei universal da liberdade”. O direito é o princípio da liberdade externa, o que pressupõe a idéia do ser humano como ser autônomo, portanto, como um ser que tem direito à liberdade. Este é o direito originário que compete ao ser humano na medida em que ele é ser humano. É a partir daqui que se pode entender as reflexões de Kant a respeito do direito político (sua preferência ética pelo Estado de Direito em virtude do tratamento igual a todos os cidadãos) e do direito internacional (a idéia da “república mundial”).

**IHU On-Line-** E a ética na economia? Como Emmanuel Kant avaliaria propostas como a Alca?

**Manfredo de Oliveira-** Como um filósofo universalista, Kant saudaria as tendências universalistas que hoje estão em curso em nível da economia. Por outro lado, o universalismo não pode destruir a autonomia dos diferentes povos. Portanto, seu universalismo diz respeito às condições de possibilidade da efetivação da liberdade na vida dos povos. Ele não aprovaria, portanto, qualquer associação de povos, mas somente aquelas que pudessem conduzir a uma efetivação da liberdade.

**IHU On-Line-** Qual era a compreensão do filósofo a respeito de Deus e qual sua visão do cristianismo?

**Manfredo de Oliveira-** Também aqui Kant foi inovador. Ele não reconheceu qualquer prova da existência de Deus pela razão teórica: a análise do aparato cognitivo do ser humano demonstra que tais pretensões são pura ilusão. O acesso à realidade divina se faz por outro caminho: sua preocupação fundamental no que diz respeito à religião consistia em encontrar uma síntese entre, de um lado, os preceitos éticos e, de outro lado, a esperança na imortalidade e a fé em Deus. Portanto, o acesso que temos a Deus é de ordem moral: a dimensão moral do ser humano abre um caminho em que Deus certamente não é demonstrável, mas pode ser postulado. No fundo, Kant assume a concepção de Deus do Iluminismo moderno para quem Deus é o governante moral do mundo. O conceito de Deus é essencialmente um conceito moral e enquanto tal Deus é pensado em distanciamento da revelação divina, das instituições religiosas, portanto, para além das fronteiras das diversas religiões e confissões. Ele emerge como o Deus que une todos os homens. Neste contexto de pensamento, a religião é essencialmente moral. Seu julgamento das religiões positivas se faz a partir deste horizonte moral. Daí sua profunda admiração pelo cristianismo.

**IHU On-Line - Qual é a herança mais importante que o filósofo deixou à contemporaneidade?**

**Manfredo de Oliveira**- Gostaria de sublinhar, sobretudo, suas grandes intuições na esfera da razão prática: Kant recusa claramente legitimar os critérios da ação humana em elementos que transcendam a autonomia do sujeito, como, por exemplo, a tradição, a vontade de Deus, a revelação, as necessidades humanas, etc. Em seu pensamento nenhuma pretensão de validade exterior é reconhecida: toda autoridade tem que se legitimar perante a razão. O que conta para a ética não são os sentimentos ou o sucesso da ação, mas as máximas da vontade humana e sua subordinação ao imperativo categórico, a única instância que pode orientar a ação humana. Sua tentativa de vincular radicalmente razão, liberdade e ética é certamente a herança mais importante que ele deixou para a humanidade.

## **KANT: UM INVESTIGADOR ABERTO A TODAS AS POSSIBILIDADES**

### **Entrevista com Guido de Almeida**

*Estudioso e pesquisador de Kant, o professor Guido Antônio de Almeida, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Departamento de Filosofia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, concedeu uma entrevista ao IHU On-Line na última semana. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestre em Filosofia pela Fordham University, Estados Unidos, o professor Guido doutorou-se em Filosofia pela Universität Freiburg (Albert- Ludwigs), em Freiburg, na Alemanha. Ele obteve seu pós-doutorado pela Freie Universität Berlin, em Berlim, na Alemanha. É autor de **Enunciados de Valor**. Rio de Janeiro: Cadernos Edipuc, 1979 e organizador, ao lado de R. F. Landim Filho, de **Filosofia da Linguagem e Lógica**. São Paulo: Loyola, 1981.*

**IHU On-Line - Qual o significado mais importante para o senhor do bicentenário da morte de Kant?**

**Guido de Almeida** – O que se comemora neste bicentenário não é apenas uma figura do passado que teria sido muito importante na época, mas conservaria apenas um interesse histórico. O que nós comemoramos no caso de Kant, é um filósofo cujo pensamento permanece vivo, atual. De um modo geral, os clássicos da Filosofia, como Platão, Aristóteles, Santo Tomás de Aquino, Descartes, Spinoza, Hegel, nenhum deles se equipara a Kant. São clássicos, porque o que eles dizem tem interesse para nós, mas no caso de Kant, especialmente, isso é mais válido do que nunca. Kant refletiu sobre todos os temas importantes da Filosofia, o conhecimento e a ciência, a moral e a busca da felicidade, a experiência estética e a arte. Sobre tudo isso ele elaborou conceitos e idéias que merecem ser consideradas e ainda servem de ponto de partida ou pelo menos ponto de referência. Ao comemorar o bicentenário da morte de Kant, comemoramos a sua atualidade. Ele continua um pensador vivo e, entre os pensadores do passado, é o mais importante. Há critérios inclusive quantitativos para isso. Uma enorme, vasta produção filosófica no mundo atual é dedicada a Kant ou se refere a Kant de alguma maneira.

**IHU On-Line - O que os conceitos kantianos de liberdade e moralidade poderiam interpelar à sociedade contemporânea?**

**Guido de Almeida** – Uma característica importante da sociedade contemporânea é o papel que a ciência desempenha em todos os setores da vida dessa sociedade. Para tudo nós vamos buscar um especialista em uma ciência que nos ajuda a tomar uma ou outra decisão. Não há nada de mal nisso, mas de par com essa importância crescente, essa presença avassaladora da ciência na sociedade contemporânea vai também uma certa ideologia positivista, que

procura através da ciência o único padrão possível de conhecimento. Uma das coisas importantes que Kant mostrou é que nós pensamos as nossas ações e as nossas decisões a partir de princípios que são radicalmente diferentes dos princípios do conhecimento e da ciência da natureza. Assim as explicações científicas se baseiam num conceito da causalidade natural que implica o determinismo de tudo o que acontece. Nós necessariamente pensamos as nossas ações como livres e a liberdade das nossas ações é uma condição da moralidade. Um relógio, por exemplo, marca corretamente a hora, não atrasar. Ninguém censura um relógio porque ele começou a atrasar. O que ele faz é determinado pelo seu mecanismo. Se nós somos capazes de censurar as nossas ações é porque temos liberdade. E pensar as nossas ações como livres é tomar uma atitude, uma posição diante delas que é radicalmente contrária a da ciência da natureza. Por isso, o positivismo, que é a idéia de que a ciência é a única possibilidade de conhecimento é incompatível com essa visão das nossas ações e com o próprio conceito da moralidade. Kant insistiu sobre isso. É por isso e por outras coisas que ele permanece um pensador atual. Sua teoria da ação e da moralidade é mais do que nunca atual no mundo onde a importância da ciência serve de aval para uma ideologia positivista.

***IHU On-Line - Não é novidade a falta de ética na política. Nestes dias, o tema está especialmente em pauta e, ao ser constatada falta de ética no PT (quicá onde menos se esperava), chega-se a formular a pergunta: é possível a ética na política? Como o senhor responderia, iluminado por Kant?***

**Guido de Almeida** –Sobre ética e política Kant disse duas coisas importantes que precisam ser meditadas para que tenhamos idéia de onde situar a crise da eticidade na política, em geral e na política brasileira em particular. A primeira é que a base da política tem que ser moral, porque só ela pode conferir legitimidade à política. Só é legítima a política na medida em que ela não é apenas um exercício do poder arbitrário. É a exigência de que todas as decisões políticas, por exemplo, a formulação de legislação, tem que se basear no princípio da igualdade, segundo o qual só são legítimas as decisões que nós tomamos e que envolvem outras pessoas, as leis que nós formulamos para outras pessoas, se elas podem ser aceitas por todos. Nesse sentido, a política tem que ter uma base moral, porque só ela pode conferir legitimidade à política. Esse foi o ponto, a meu ver, mais importante da teoria do princípio do direito e da vida política regrada segundo o direito. Então é o mesmo princípio da moralidade, o qual ele chamou de imperativo categórico, que diz que só devemos agir com base em máximas, em regras, que possam ser adotadas pelos demais. Esse é o princípio da igualdade entre os indivíduos, do respeito a todos os demais como iguais. É o princípio básico da moralidade e o princípio básico da política na medida em que ela tem legitimidade. A segunda idéia importante de Kant é que, no domínio da política, a única coisa que nós podemos esperar é a conformidade a esses princípios morais, que ele chama de legalidade, a conformidade externa baseada em sanções. Nós não temos como julgar a moralidade das ações das pessoas. Talvez nem mesmo a pessoa seja capaz de julgar sobre a sua própria moralidade, mesmo levando em conta que ser moral não depende de uma decisão pessoal. Por isso mesmo nós não podemos impor a ninguém a moralidade. O máximo que podemos fazer é educar as pessoas para a moralidade, se elas quiserem ser morais. Nesse sentido, a moralidade nunca está em crise, ou ela está em crise em cada um, em cada momento em que for preciso tomar uma decisão que afete as demais pessoas e o seu próprio valor. A liberdade é poder dos contrários, ou seja, é o poder de fazer ou deixar de fazer alguma coisa. Todos nós temos esse poder de escolha. O que está em crise na política brasileira não é a moralidade dos indivíduos, que cada um cuida da sua.

**IHU On-Line- Então, o que está em crise na política brasileira?**

**Guido de Almeida-** É a eticidade no sentido amplo da palavra eticidade ou a conformidade, esse é o termo kantiano, a legalidade, a conformidade externa das exigências da moralidade. A eticidade, a conformidade, a moralidade estão em crise na política brasileira. Nós não sabemos punir, não apenas segundo a lei, mas também por desaprovação, e não sabemos também recompensar. Kant ensinou isso; da sua moralidade cuida qualquer um. Da conformidade externa nós temos que cuidar. Porque não soubemos cuidar disso, a ética na política se tornou um problema tão grave.

**IHU On-Line - Em que sentido o autor poderia iluminar o cristianismo e as religiões no geral?**

**Guido de Almeida** – Conheço superficialmente a filosofia da religião kantiana. Kant incorporou na sua teoria moral muitos conceitos importantes que têm a sua origem no cristianismo. Por exemplo, o conceito de boa vontade. Na verdade, é um conceito histórico, mas que está presente desde o Novo Testamento, porque seus autores conheciam a filosofia grega. Este é um conceito importante, um conceito básico, essa idéia de que agir é moralmente ter uma boa vontade, e ter uma boa vontade é agir por dever, e não por interesse nas conseqüências da ação, essa idéia é fundamentalmente cristã. O que interessa é a intenção, a pureza do coração. Essa é uma das idéias centrais da ética cristã e que está presente na ética kantiana. Outro conceito importante que ele utilizou foi o do princípio moral que tem várias fontes. Uma delas já citei: agir de tal maneira que a máxima da ação possa ser querida como uma lei por todos os demais. Ele tem uma outra fórmula: agir de tal maneira que possa querer ser, por essas ações, o membro de uma sociedade, de uma comunidade onde se legisla com os demais para todos. Essa idéia de um reino do ser é uma idéia de origem cristã, a idéia do reino de Deus, que Kant reformulou, para formular sua idéia de uma comunidade moral, onde todos agem com base em máximas aceitas pelos demais, regras universais, portanto de tal maneira que todos contribuam por sua ação para a felicidade de todos. Nós sabemos que isso não ocorre, de fato. Jamais podemos esperar que nos tornaremos coletivamente felizes pelo fato de agirmos moralmente, é o contrário do que nós esperamos. Mas, como nós não podemos deixar de esperar, sermos felizes, sob a condição da moralidade, nós temos que esperar que isso seja possível de alguma maneira, senão não faria sentido agir. A exigência moral é a de cada um procurar a sua felicidade, mas respeitando o direito dos outros de serem felizes também. Esse é o ponto de vista universal da moralidade. Nós não podemos querer isso sem a expectativa de sermos felizes. Isso não é garantido pela natureza. Nós somos necessariamente levados a postular a existência de Deus e a esperar uma vida futura e a existência de Deus como condição dessa expectativa de ser feliz agindo moralmente. Isso faz parte também da teoria moral kantiana. Por isso Kant pode apresentar a sua teoria moral como o núcleo racional e moral de toda a religião. As religiões se diferenciam por crenças em fatos históricos ou pela diversidade dos cultos, etc. Para mim, a importância de Kant, como filósofo da religião, foi precisamente essa, de ter destacado esse núcleo moral das religiões em geral, núcleo que o cristianismo tem em comum com outras religiões e que talvez tenha apresentado de uma maneira mais pura que outras religiões.

**IHU On-Line - Qual o legado de Kant que a universidade mais deveria aproveitar?**

**Guido de Almeida** – O que eu mais valorizo em Kant é o fato de ele se apresentar como um pensador crítico, não dogmático, um pesquisador, um investigador. Ele não é um filósofo que parte de uma idéia pré-concebida, de uma tese a demonstrar, uma hipótese a corroborar. Ele é precisamente um investigador. Ele está aberto a todas as possibilidades. Ele não expressa as

suas questões de tal maneira que a formulação implica uma resposta ou torna impossível certas respostas. É essa mentalidade aberta de Kant como investigador que devemos cultivar. Kant, que elaborou um dos sistemas filosóficos mais impressionantes, talvez ele e o de Aristóteles, sejam os dois sistemas mais impressionantes da história da Filosofia, não pretendeu jamais ensinar a Filosofia, e sim a filosofar. Isso ele diz expressamente em sua obra mais importante, **A crítica da razão pura**. A Filosofia não é algo que se possa ensinar, o que sim se pode ensinar é filosofar. Isso para Kant, em última análise, é aclarar os conceitos dados, o domínio do conhecimento, da moral, da estética e da arte, procurar clareza sobre esses e sobre as razões que nós temos para adotar esses conceitos e não os outros. Isso é o que o acadêmico deve mais prezar do legado kantiano.

### A PERGUNTA DE KANT AO PT:

**“ESTAMOS CONSTRUINDO INSTITUIÇÕES EM QUE SOBERANIAS POPULARES ESTÃO ARTICULADAS COM OS DIREITOS HUMANOS?”**

#### Entrevista com Ricardo Terra

*Ricardo Ribeiro Terra é professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). É graduado e doutor em Filosofia pela USP. O título de sua tese de doutorado é “Política e história na filosofia kantiana”. Obteve Livre Docência também pela USP com o título de tese “Passagens. Ensaio sobre a filosofia de Kant”. Seu pós-doutorado foi realizado na Universidade de Frankfurt, Alemanha. É autor de **A política tensa. Idéia e realidade na filosofia da história de Kant**. São Paulo: Iluminuras, 1995. Organizou as obras **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita, de I. Kant**. São Paulo: Brasiliense, 1986; e **Duas introduções à Crítica do Juízo, de I. Kant**. São Paulo: Iluminuras, 1995. A seguir, a entrevista que concedeu a **IHU On-Line** sobre a importância da filosofia de Kant.*

#### **IHU On-Line – Qual seria o principal legado de Kant?**

**Ricardo Terra** – O legado de Kant é muito amplo. Na história da Filosofia existem poucos elementos que nós podemos comparar. Aristóteles também tem essa virtude. No caso de Kant, o legado é enorme. É justamente na crítica da razão pura que temos tantas questões vinculadas à queixa da metafísica e ao mesmo tempo condições de possibilidades para entender a ciência do tempo dele, que é a física do Newton. Na crítica da razão prática, há uma ampliação e radicalização da auto-fundação da moral. Kant elabora uma filosofia moral independente da religião e separada da ciência. E na terceira crítica, que é a crítica do juízo, ele ainda abre a possibilidade de se pensar o juízo estético, independente da lei da religião, independente da ciência e da ética. A amplitude do legado kantiano pode ser avaliada pelas três críticas. Podemos entrar no desdobramento desse legado. Um exemplo que possibilita a razão prática, a fundamentação da moral, Kant também leva a uma fundamentação do direito, o que tem uma relevância enorme. Se pensarmos como Kant, tanto o direito privado quanto o público, e no direito público, o direito internacional, podemos considerar Kant como precursor de organismos como a Organização das Nações Unidas (ONU). O legado vai desde condições de proximidade para pensar a física de Newton, uma revolução na maneira de considerar a metafísica, até no plano político, ele está repensando as relações internacionais. O legado tem muitas perspectivas, tanto no plano da compreensão da ciência, da ética, da moral, do direito como na do próprio juízo estético. O legado realmente é enorme.

#### **IHU On-Line – Nessa moral autofundada, ele muda a concepção de Deus de sua época?**



**Ricardo Terra** – Kant tem um livro, que é fundamental, sem falar nas três obras-primas, que são as mais conhecidas, as três críticas: crítica da razão pura, crítica da razão prática e a crítica da faculdade de juízo. Há vários aspectos importantes na concepção kantiana de Deus. Kant tem um livro que se chama *Religião nos limites da simples razão*. Nesse livro, ele vai elaborar toda uma concepção ético-religiosa em que ele interpreta a própria escritura, mas do ponto de vista da razão, isto é, a religião nos limites da simples razão. A grande mudança que tem Kant em relação à religião ou em relação a Deus, é que ele acha impossível demonstrar a existência de Deus. Isso faz uma diferença enorme, tendo-se em conta a metafísica anterior, que a prova da existência de Deus era fundamental até para a fundamentação do campo do conhecimento, se pegarmos, por exemplo, Descartes. Para Kant o fundamental do conhecimento no próprio sujeito, não depende de Deus. Não há uma prova da existência de Deus, mas isso não significa que não se acredita em Deus. Não há uma prova racional da existência de Deus, mas fica aberta a possibilidade para uma fé racional. Também não pode provar que não existe. Há uma limitação do que é o conhecimento, e essa limitação abre possibilidade para afirmar Deus de outra maneira, que não seja teórica.

***IHU On-Line* – Duzentos anos após a morte de Kant, quais as principais limitações dele que o senhor assinalaria?**

**Ricardo Terra** – Apesar de ser um crítico da metafísica, Kant ainda tem todo um lado metafísico com a comprovação da coisa em si. De outro lado, ele está limitado à ciência de seu tempo. A epistemologia de Kant está no horizonte ainda da física de Newton, que não conheceu a teoria da relatividade da física quântica. É claro que tem uma certa limitação histórica do pensamento de Kant. Mesmo assim, o legado é grande, porque a maneira como Kant trabalha Newton pode ser repensada hoje para pensar a física contemporânea. Temos vários neokantismos, que tentam repensar isso. Uma parte do legado fundamental do ponto de vista político e jurídico. Há autores como John Rawls ou Jürgen Habermas, que de uma forma ou de outra, desenvolveram a ética e o direito kantianos. Apesar da limitação da filosofia do sujeito kantiano, a inspiração kantiana se desdobra de outras maneiras. Existe uma limitação do plano da ciência e da política da época de Kant.

***IHU On-Line* – Em uma cultura de guerra na qual vivemos, com tanta violência terrorista e “antiterrorista”, como o conceito de paz kantiano poderia iluminar nossa sociedade contemporânea?**

**Ricardo Terra** – Em muito. Além do legado das três críticas, o legado do pensamento político-jurídico kantiano é fundamental, porque Kant está o tempo todo insistindo no espaço público, na discussão no espaço público. Nesse sentido, há uma resistência contra todos os fundamentalismos. A postura kantiana é de uma abertura para as discussões públicas, e não para a violência pública. Kant ele quer desvincular os direitos liberais com os democráticos. Ele, o tempo todo, está querendo relacionar direitos humanos e sabedoria popular. Esse é o elemento fundamental do seu pensamento. O filósofo contemporâneo alemão Jürgen Habermas diz que há uma co-originalidade entre direitos humanos e soberania popular em Kant. A soberania popular é fundamental, mas também os direitos humanos são fundamentais. A soberania popular junto com os direitos humanos deveriam reger não só a política interna de cada país, mas também em última instância a política externa. Podemos encontrar muitos elementos na filosofia kantiana contra a política como violência ou como terrorismo ou como antiterrorismo violento. A perspectiva de paz de Kant não é uma mera perspectiva utópica. A paz para ele se constrói com o direito. A condição da paz é o estado de direito, é a soberania popular de direitos humanos juntos. Mais um elemento diante do horror que estamos vivendo

nesses dias, pensar que a noção de direitos humanos junto com a soberania popular é uma maneira de enfrentar essa situação e tentar construir instituições tanto nacionais quanto internacionais em que se tenha mais justiça e menos fundamentalismos. A tolerância deveria se transformar em instituições jurídicas que garantam tanto a soberania popular quanto os direitos humanos.

***IHU On-Line – O que a filosofia de Kant poderia dizer sobre ética na política brasileira?***

**Ricardo Terra** – Kant vai dizer que a ação política não pode ir contra a moral. Por outro lado, é evidente que não podemos confundir a política com a ética individual. Devemos pensar que instituições políticas estejam garantindo o estado de direito. Existem problemas de falta de ética de indivíduos, mas o importante seria ter instituições que cuidam disso. Não podemos tirar toda a atenção da política por causa da falta de ética de elementos. O importante é criar estruturas que possam punir essa falta de ética. Estamos construindo ou não instituições em que soberanias populares estão articuladas com os direitos humanos? Esta é a questão fundamental. Será que os governantes estão conseguindo articular a soberania popular com os direitos humanos? Está havendo uma ampliação de direitos sociais ou não? Esta questão tem uma dimensão ética que diz respeito a garantir direitos sociais. Problema muito maior do que a falta de ética de alguns membros do partido, o que não se esperava que acontecesse, é questionar se o PT está conseguindo articular a soberania popular e os direitos humanos, ou seja, há políticas que estão ampliando os direitos sociais? O susto maior está aí: não tanto em descobrir que existem pessoas corruptas, isso sempre existiu e vai existir em todos os partidos. A integridade ética maior será se ele está cumprindo ou não essa dimensão de articulação de direitos sociais e a soberania popular. O problema do partido é muito mais esse, a falha está muito mais nesse aspecto do que ter elementos corruptos, que todos partidos têm. É claro que eles precisam ser investigados e punidos.

***IHU On-Line – Há três semanas, a matéria de capa de nosso boletim foi o papel da universidade na sociedade. Qual seria o legado mais importante de Kant que a universidade deveria assumir?***

**Ricardo Terra** – É difícil dizer o que Kant pensaria da universidade. Ele refletiu sobre universidade, mas principalmente sobre a independência das faculdades. Na época dele havia conflitos muito grandes entre as Faculdades de Filosofia e Teologia, e havia censura da Faculdade de Teologia em relação à de Filosofia. No pensamento kantiano, a universidade é o lugar privilegiado do espaço público e da discussão sem coerção, sem censura. A universidade é onde deveria ser possível um desenvolver da ciência das artes, e do pensamento livre. Por excelência a universidade tem que ser o elemento criativo do pensamento crítico. No tempo do governo de Frederico II, havia uma certa liberdade de pensamento grande na Prússia. Já no fim da vida, Kant vai ter problemas com a fissura. É fundamental o âmbito da liberdade de pensarmos espaço público. É fundamental que se possa publicar e discutir sobre todos os assuntos. A universidade é um importante berço da criação de ciência, de cultura, de arte.

***IHU On-Line – Quais seriam as características básicas e que de repente foram inovadoras em seu tempo da concepção kantiana de pessoa humana e de sociedade?***

**Ricardo Terra** – É uma grande pergunta. Vou simplificar muito. A noção de dignidade da pessoa é um elemento fundamental para Kant. O interessante é que a dignidade da pessoa está vinculada com a noção de autonomia, aí é que está o grande alcance da filosofia kantiana. O homem é digno, porque ele faz leis para ele mesmo. Essa noção de autonomia é fundamental, tanto no plano da ética quanto no plano político e jurídico. Nós obedecemos a leis

que nós, como racionais, estamos elaborando. Kant tem uma ética que não depende de elementos empíricos nem depende de Deus. Os homens têm que seguir leis que eles mesmos estão fazendo para eles mesmos. No plano da relação interpessoal, isso leva a que o homem não possa ser considerado apenas como meio para outro homem. O homem tem sempre fim em si mesmo. Aí existe uma crítica à exploração do homem por outro, já que, pela dignidade, ele tem sempre que ser tomado como fim e não apenas como meio. No plano político, Kant pensa a noção de autonomia: a noção de soberania popular. O povo tem que obedecer às leis que ele está elaborando para ele mesmo. Só que, como a noção de dignidade é forte em Kant, ele tem que articular a noção de soberania popular à noção de direitos humanos. Uma determinada conjunção não pode ir contra a dignidade da minoria. A articulação de direitos humanos com soberania popular torna possível uma noção de pessoa que garante a sua dignidade, participando de uma sociedade em que há uma soberania popular. Tanto no plano de vista ético quanto político-jurídico a autonomia e a dignidade são fundamentais.

**IHU On-Line – A partir dessa concepção de autonomia da pessoa humana de Kant, há 200 anos, que consciência ele poderia ter em relação à mulher?**

**Ricardo Terra** – Este é um ponto bem complicado. Antes havia uma pergunta sobre os limites de Kant e nessa questão há um limite. Apesar de Kant colocar toda a autonomia moral e ética e reconhecer a dignidade da mulher, há uma limitação histórica em relação à participação da mulher na política. Como na Prússia ele não vê o direito da mulher de votar. Este é um limite histórico que, inclusive, contradiz, em certo sentido, o espírito de toda a filosofia dele. Ele, que fala tanto da dignidade e da autonomia ética da mulher, acaba não encontrando essa autonomia política da mulher na vida social. Mesmo na constituição da Revolução Francesa de 1791, a mulher não tinha direito a voto. Esse é também o limite dos próprios constituintes da Constituição da Revolução Francesa. Há uma ambigüidade aí. Ao mesmo tempo no plano ético ele fala da dignidade da autonomia da mulher, mas, no plano político, ele não consegue ir além do seu tempo. O grande filósofo da dignidade e da autonomia acabou tendo esse limite em relação aos direitos da mulher.

## UMA ÉTICA MOTIVADA PELO DESEJO DE REALIZAÇÃO DA HUMANIDADE

### Entrevista com Valério Rohden

*Valerio Rohden é professor titular de Filosofia na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), ex-professor titular de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pesquisador do CNPq, e presidente da Sociedade Kant Brasileira. Traduziu, de Kant, a **Crítica da razão pura** (Abril Cultural, 1981), a **Crítica da faculdade do juízo** (Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa, 1992 / Forense Universitária, RJ, 1993) e a **Crítica da razão prática** (Martins Fontes, 2002, edição bilingüe 2003). É livre docente pela UFRGS e pós-doutor pela Wilhelms Universität Münster, na Alemanha. É autor de **Interesse da Razão e Liberdade**. São Paulo: Ática, 1981.*

**IHU On-Line - Qual é o significado mais importante para o senhor do bicentenário da morte de Kant?**

**Valério Rohden** - Emmanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo que não saiu de sua cidade, que mantinha uma atividade social diária, que realizava exercícios físicos regulares, participava da política universitária. Foi duas vezes reitor, lecionava, escrevia, citando poucos autores; seus conhecimentos, entre teológicos, científicos, filosóficos, artísticos e comuns, estendiam-se a quase todos os domínios da teoria e da prática humana; elaborou uma ética exigente, mas

acessível ao homem comum e finito; investigou terremotos, os ventos, o fogo, o céu – “o céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim” – ; suas teorias, especialmente seu pensamento filosófico, foram de uma perspicácia tal, que ele ainda hoje – parece que com uma força crescente – move-nos a conhecer e pensar. Ele equipara-se a qualquer gênio da filosofia grega. Por isso, comemorar os 200 anos de sua morte significa celebrar o seu gênio, com suas contribuições inesgotáveis à nossa atividade filosófica, ao nosso espírito crítico em qualquer âmbito, mas significa, sobretudo, homenagear sua grandeza, da qual ainda hoje aprendemos a viver. Tanto mais fecundamente pensaremos nossos problemas atuais e procederemos bem, quanto mais intensamente nos aproximarmos dele, com o mesmo espírito livre com que ele pensou e viveu.

**IHU On-Line- Como vê a questão de Deus em Kant? Qual seria o projeto kantiano perante a física contemporânea?**

**Valério Rohden-** Kant pensou Deus de maneira renovada, tanto desde um ponto de vista teórico quanto de um ponto de vista prático. Ele contestou, na *Crítica da razão pura*, o pensamento especulativo e dogmático da tradição racionalista, que presumia conhecer Deus com simples conceitos formais. Para ele, o problema de Deus era metafisicamente ineludível, como os problemas da alma, do mundo e do ser. Sua prova prática da existência de Deus foi desenvolvida na seção sobre o sumo-bem moral, da *Crítica da razão prática*, segundo a qual o homem não poderá realizar-se em sua finitude, que envolve uma conexão sintética entre moralidade e felicidade e que só Deus pode assegurar, se ele ao mesmo tempo não existir. Logo, Deus existe: trata-se de um postulado prático. Quanto à sua contribuição para a Física contemporânea, fiquemos com sua fundamentação apriorística da possibilidade da experiência, resolvendo o problema de Hume.

**IHU On-Line- O que é para o autor o encontro ético e estético com o outro?**

**Valério Rohden-** Em todos os âmbitos, teóricos, práticos e estéticos, Kant pensou essas atividades articuladamente, mais precisamente, mediante uma articulação de faculdades (p. ex. em nível teórico: “O nosso conhecimento brota de duas fontes principais do ânimo/*Gemüt...*”). tratava-se de conhecimentos válidos universalmente. Em nível prático, sua teoria moral inclui uma motivação que supõe a articulação de razão e da sensibilidade: trata-se de uma ética motivada pelo desejo de realização da idéia de humanidade. Em nível estético, também inspirada moral e cognitivamente (como condições *sine qua non* da mesma), apesar de cada esfera ser pensada em sua rigorosa especificidade, a sua teoria estética desenvolve uma concepção de juízo que se exerce sempre do ponto de vista do outro: é uma teoria da livre comunicabilidade do prazer, ao qual a arte e a natureza nos provocam em nível sensível. Trata-se aí da mais elevada forma kantiana de epicurismo.

**IHU On-Line- De que forma Kant entende a moral sem Deus?**

**Valério Rohden -** Já vimos que a moral não se realiza sem Deus. Mas se trata de uma ética autônoma e racional, que, segundo a indireta sugestão de Tugendhat, poderia incluir Deus, já que Deus não nos impõe nada autoritariamente, pois o que Ele faz, obviamente, é bom, o que significa que é algo que qualquer um também poderia autonomamente querer.

**IHU On-Line - Qual o legado de Kant que a universidade mais deveria aproveitar?**

**Valério Rohden -** Inspirados nos textos *O que é Esclarecimento* e *Disputa das faculdades*, poderíamos dizer que a universidade é o lugar por excelência tanto da produção do conhecimento quanto da promoção da maioridade humana. Em relação a elas, o homem e a

universidade são autônomos, aquele, capaz de pensar por si próprio e escolher fundamentamente uma forma elevada de vida, esta, pela sua autonomia, capaz de determinar-se, em plena liberdade, apontando à sociedade e à política os rumos para o que considera justo, verdadeiro e bom.

**IHU On-Line- De que forma a ética kantiana manifesta uma dimensão social e comunitária? Qual a atualidade desses conceitos?**

**Valério Rohden-** A filosofia moral de Kant é uma ética do indivíduo responsável perante todos os outros. O que nela está em jogo é o amor de cada um pelos outros na mesma medida do seu amor a si mesmo. Seu objeto é a humanidade. A teoria ética kantiana é, mediante conceitos, como autonomia, universalidade e justificação racional, a base indispensável do pensamento ético contemporâneo.

**IHU On-Line-- O que o grande filósofo dos direitos humanos, da igualdade perante a lei, da cidadania mundial, da paz universal e, acima de tudo, da emancipação da razão, poderia dizer à sociedade global contemporânea?**

**Valério Rohden-** Com seu cosmopolitismo realista e crítico, de cunho político e moral – a ponto de ele dizer que se a humanidade não se dispuser a dar este último passo, todos os passos anteriores não terão valido a pena – Kant viu, no direito e no comércio internacionais, meios seguros nesse caminho para uma união democrática de países em favor de um progresso pacífico, não isento de conflitos, mas solúveis sem o recurso à guerra. Como os homens, infelizmente, aprendem a viver melhor através dos males com que se autflagelam e se autodestroem, assim a razão, unida à natureza, serve-se desse ardil para nos fazer crer que jamais precisamos perder a esperança de um futuro mais humano para todos. Precisamos do realismo crítico e da amplidão de vista do pensamento de Kant para não desesperar e continuar acreditando no futuro.

**IHU On-Line - Algum outro aspecto do autor que o senhor gostaria de destacar**

**Valério Rohden-** Nós conseguimos trazer para o Brasil o X. *Internationalen Kant-Kongress / 10th International Kant Congress / X Congresso Kant Internacional*, a realizar-se na Universidade de São Paulo entre 04 e 09 de setembro de 2005. O que prova o reconhecimento internacional de nosso crescimento filosófico e nos propicia a maior oportunidade que jamais tivemos de dar passos ainda mais decisivos nessa direção. Convidamos a todos os que se interessam pela filosofia de Kant a comparecerem a esse grande evento.

## LÓGICA E METAFÍSICA EM KANT E NIETZSCHE

### Entrevista com Rogério Vaz Trapp

*Rogério Vaz Trapp é Licenciado e Mestre em Filosofia pela Unisinos com dissertação intitulada “A base ontológica da autonomia em Kant e Nietzsche”, defendida no dia 20 de fevereiro de 2004. Rogério participou como bolsista de Iniciação Científica Fapergs, no projeto “Da Negatividade: a construção lógica e o lugar histórico dos temas negativos na filosofia de Theodor Adorno e Walter Benjamin”. Este projeto centra-se na consideração de que a história possível da negatividade e do negativo em filosofia está entremesclada à própria história da metafísica com a qual a filosofia, durante muito tempo, se viu confundida.*

**IHU On-Line- Qual é a relevância da coerência entre a teoria, a prática e a lógica no pensamento Kantiano?**

**Rogério Vaz Trapp-** Se compreendermos por coerência a qualidade de um raciocínio de não apresentar sinal algum de contradição, então posso afirmar que a importância dela é, antes de tudo, fundamental para o próprio sistema kantiano, na medida em que os princípios da lógica configuram e estruturam os princípios tanto de sua filosofia teórica quanto de sua filosofia prática. Com isso quero dizer que a própria possibilidade do edifício kantiano sustenta-se sobre a necessidade da correção formal. Em segundo lugar, a coerência entre aquelas três instâncias também é de suma importância para Kant, porque o sujeito, como sujeito transcendental, condição de possibilidade do idealismo transcendental, que raciocina e age discursivamente, só o pode fazer mediante a estrutura dos princípios lógico-formais. Motivo pelo qual a coerência entre elas é garantia não só de um raciocínio correto como também de uma ação moralmente boa. Portanto, exatamente por haver uma convergência, em Kant, entre a estrutura dos princípios teóricos, práticos e lógico-formais é que a sua coerência acaba por revelar-se como a própria condição de possibilidade da validade e legitimidade da filosofia transcendental.

**IHU On-Line- Quais as relações mais importantes que você estabelece na dissertação entre Kant e Nietzsche?**

**Rogério Vaz Trapp-** Eu diria que uma das relações que julgo ser mais importante seria a de reunir Kant e Nietzsche sob um viés comum de compreensão. Nesse sentido, a investigação não pretendeu realizar um esforço crítico, como já é costumeiro no meio filosófico, mas elaborar a preocupação desses pensadores com um tema em comum: a relação entre lógica e metafísica. Assim, diria que o viés de compreensão, segundo o qual a lógica ocupa o papel de estrutura metafísico-discursiva para ambos os pensadores, ainda que valorizada diferentemente por eles, é o tema central de minha pesquisa. Depois, estender a reflexão sobre a metafísica até o tema da autonomia, na filosofia prática, é outra relação importante que desenvolvi, pois pretendi ter exposto as bases ontológicas do sujeito auto-afirmativo moderno tal como as encontramos nesses dois autores e, ainda que por vieses diferentes, conforme compreendemos, que se constituem como o cume mais elevado da filosofia de ambos os pensadores. Portanto, as relações que estabeleci em minha dissertação, e que julgo serem mais importantes, envolvem a lógica, a metafísica, a ética, a epistemologia e a antropologia.

**IHU On-Line- Em que aspectos o pensamento Kantiano pode iluminar nossa época contemporânea?**

**Rogério Vaz Trapp-** Iluminar é um ótimo termo para usarmos com relação a um representante da *Aufklärung!* Após a euforia hegeliana, um certo retorno a Kant foi inevitável. Com isso, podemos dizer que o intento crítico kantiano permanece ainda no cerne filosófico da reflexão atual. Assim, não só nossa época é profundamente kantiana como também não podemos compreender filósofos, como Nietzsche, Husserl, Heidegger, Apel, Habermas ou Rawls sem passarmos por Kant. A tão extensa influência de Kant sobre a posteridade talvez se deixe melhor compreender pela fecundidade do pensamento desse filósofo. Com efeito, seja pela sua reflexão epistemológica, seja pelas questões propriamente metafísicas, seja pela sua filosofia prática, com sua concepção de lei moral e de autonomia prática, seja pela sua estética e sua teleologia, seja pela sua reflexão sobre a finalidade da sociedade e a esperança depositada em uma 'paz perpétua', Kant está profundamente presente na contemporaneidade por não ter extinguido esses temas, legando tanto uma grande quantidade de problemas para os pensadores posteriores, quanto gigantescas tentativas de solução a esses mesmos problemas. Portanto, Kant hoje é de suma importância não só para compreendermos a posição essencialmente crítica que o Iluminismo nos legou, mas também para compreendermos tudo

que perdemos junto com o combustível que o Iluminismo teve que “queimar” para alimentar sua chama “esclarecedora”.

## PASSANDO PELO FOGO PURIFICADOR DA CRÍTICA<sup>1</sup>

*O cardeal Karl Lehmann, doutor em Filosofia e em Teologia, é bispo de Mainz e presidente da Conferência Episcopal da Alemanha. No artigo a seguir, o teólogo reflete sobre a obra de Kant. O texto foi publicado pelo jornal alemão **Die Zeit**, em 31 de dezembro de 2003, celebrando o bicentenário da morte de Kant, e foi traduzido, a pedido do IHU, pelo Pe. Silvino Arnhold, SJ.*

A resposta que Kant da à pergunta: "O que é *Aufklärung*"? é muito forte e, por vezes, terminantemente sarcástica. Trata-se de uma linguagem que exclui todo o absolutismo e parte do ponto de vista de que a liberdade de espírito dos indivíduos é o veículo de todos os ulteriores progressos. Assim, apesar de se enfileirar na ala republicana do Iluminismo europeu, Kant mostra-se não menos crítico com vistas à revolução.

Ele rejeita a revolução no sentido de conciliar somente novos preconceitos com os velhos, mas defende a revolução no sentido de ser instrumento decisivo para "a verdadeira reforma de pensar". Neste conceito do Iluminismo (*Aufklärung*), o elemento intelectual-teorético está estreitamente ligado ao argumento primariamente moral. Para exprimi-lo empregamos até hoje a palavra-chave "maioridade".

### O livre pensamento das pessoas constituídas em autoridade

Estamos diante de um método cético. Quando alguém quer servir-se de seu próprio entendimento, deve perguntar-se se aquilo que gostaria de fazer ou admitir pode ser transformado no princípio geral do uso da razão humana. Por isso, o importante para Kant não é, em primeiro lugar, o pensamento pessoal como suprema pedra de toque da verdade, isto é, como meio de avaliar a verdade. O livre pensamento também deve manifestar-se nas autoridades das categorias mais diversas, no uso público da razão. Em relação a este pensar autônomo, o homem cede facilmente à preguiça ou à covardia. "É tão cômodo ser menor!". Kant recorre a uma palavra da linguagem infantil do século XVIII, quando caracteriza os homens dependentes (menores) como crianças guardadas e protegidas num "carrinho".

Kant não deixa de mostrar muita compreensão para com este homem que permaneceu menor, mesmo querendo apaixonadamente modificá-lo. É que nunca se permitiu a esse homem que fizesse uma real tentativa de buscar livremente a sua maioridade. Leis e decretos foram "grilhões de uma permanente menoridade". Assim, são poucos os homens que, pelo próprio esforço do seu espírito, conseguiram libertar-se de sua menoridade e encontrar um caminho seguro. Falta a devida coragem e a suficiente força decisória para, "sem serem guiados por outrem", servir-se do seu próprio entendimento. Por isso, em alusão a Horácio, o lema do Iluminismo (= da *Aufklärung*) soa: *Sapere aude!* = "tem a coragem de utilizar teu próprio entendimento".

<sup>1</sup> Foi o nome dado, na Alemanha, ao movimento intelectual do séc. XVIII, que reconhece a razão como fonte única do conhecimento. Tem as suas origens na filosofia de Descartes, Lock, Hume, Grotius e Leibniz. O filósofo Kant e o dramaturgo e crítico literário Lessing são, na Alemanha, os maiores representantes da *Aufklärung*. À pergunta: O que é a *Aufklärung*? respondeu Kant: "É cada um ousar servir-se do seu entendimento". A exaltação do entendimento acima de todos os outros valores leva à defesa de uma religião natural. Este movimento é conhecido entre nós pelo nome de Iluminismo (Cf Enciclop. Verbo. Ed. Séc.XXI, Vol. 3 – Nota do tradutor).

Kant manteve-se sempre fiel a esta exigência, porém experimentou a discordância dos sabichões que alardeiam saber tudo melhor. A ele importava, antes de tudo, a atitude fundamental com que são apreendidas as coisas. Quando, em 1784, Kant dá a resposta a respeito da *Aufklärung*, esta estava já, sob muitos aspectos, enfraquecida. A contínua repetição de slogans iluministas enfraquece sua força de atração e seu poder de combate. Valorizações do sentimento e forças da imaginação passam para o primeiro plano. A religião da razão também não foi capaz de satisfazer as necessidades religiosas. O sonho do cosmopolitismo racionalista malogra ante as guerras civis, nacionais e ante as campanhas napoleônicas de conquista.

Falou-se, outrossim, do fracasso do Iluminismo, porém isso não passa de meia verdade. O Iluminismo pôde contabilizar em tempo relativamente breve, conquistas importantes, como a reivindicação dos direitos humanos e a tolerância. Ninguém pode ignorar a eficácia pedagógica no campo da educação e da cultura, em que, por exemplo, o analfabetismo foi combatido com sucesso. Além disso, cumpre lembrar a influência que o Iluminismo exerceu sobre a Medicina e a Higiene. Não há dúvida de que até no âmbito eclesial, no qual reinava uma atitude cética, para não dizer hostil, contra o Iluminismo, particularmente no lado católico, houve muitas reformas de tendência iluminista.

Não erraria muito quem dissesse que os êxitos do Iluminismo foram causa de um certo malogro seu. À vista dos seus resultados, ele parecia tornar-se supérfluo. Kant, é verdade, tinha consciência muito clara de que a era do Iluminismo ainda não era idêntica à era iluminada (= da *Aufklärung*). Ele estava consciente de que o "grande público" (= a grande massa do povo) poderia chegar só lentamente ao Iluminismo (= à *Aufklärung*). Sabia também dos seus perigos. É que o Iluminismo pode terminar numa interpretação trivial das razões secretas de tudo e acabar, não raras vezes, presumido e curto de inteligência.

Tinha-se alardeado e preconizado uma melhoria no campo moral; no entanto, pouca coisa mudou para melhor. Com o correr do tempo, aprendeu-se também a distinguir mais solidamente entre iluminismo pessoal, o qual significa um real benefício de conhecimento, sobretudo para o indivíduo, sem deixar de ser um proveitoso esclarecimento para os outros. Mas, precisamente este círculo de destinatários não raro se mostrou pouco disposto ou capaz de acolher o Iluminismo.

Em conseqüência, o Iluminismo não só é visto, até hoje, com certo desprezo, como também experimenta, em círculos iluministas, uma profunda decepção. Fica a impressão de o Iluminismo ser, raras vezes, bem sucedido e de, quase nunca, conseguir êxito. O Iluminismo se parece com um trabalho de Sísifo, porque não é possível um mundo definitivamente iluminado. Somente em casos raros, o Iluminismo conseguiu acender algumas luzes. Com todo o homem que nasce, esta tarefa começa de novo.

O Iluminismo vê-se, também, desafiado, até os nossos dias, pela convicção de dever dissipar mitos e sonhos. Depois deste "esclarecimento" difunde-se rapidamente a decepção. Muitas vezes, só fica o vazio. O Iluminismo usa, sem dúvida, a revelação da verdade; mas tendo submetido à crítica a aparente beleza do erro, que é preciso erradicar, apresenta-se amplamente negativo. O Iluminismo vive da substância que ele destrói pela própria crítica; ele destruiu temores infundados e libertou os homens da superstição; mas, por vezes, também os privou da esperança que eles podiam encontrar ainda nesta vida. Desta forma, tirou o chão debaixo dos pés dos homens.

Não se devia perder de vista este poder destrutivo do Iluminismo. Ele funda-se certamente sobre a esperança no entendimento (razão) e na verdade. Muitas vezes, porém, só resta a esperança em expectativas não suficientemente, ou até de nenhum modo, comprováveis. Há



casos também em que resta nada mais que um obscuro pressentimento, o qual, no fim, não é mais conforme a razão do que as esperanças até então válidas.

Apesar disso, não se pode ficar preso à crítica ao Iluminismo, pois, em geral, isso não passa de polêmica. Conseqüentemente, todo o Iluminismo deve ser visto como um acontecimento, um movimento e uma tarefa. Houve acontecimentos, que de modo representativo, determinaram o que é Iluminismo e o que pretende ser, seja através de acontecimentos particulares, seja de declarações programáticas, como diversas formas na antiguidade grega, na alta escolástica e no início do tempo moderno. Eu poderia ver também nas afirmações fundamentais de Kant algo como um farol do Iluminismo (= da *Aufklärung*). Quem, porém, quisesse prender-se a esses acontecimentos, privá-los-ia de sua força transformadora e promissora de futuro. Todo o Iluminismo deve transformar-se num movimento que se vai propagando, lançando seus raios sobre os múltiplos campos da vida individual e social. Ele continua sendo uma permanente tarefa.

Quer me parecer, porém, que precisamente este movimento, sobretudo o Iluminismo moderno nos últimos 250 anos, exige uma reflexão mais acurada.

Numa consideração mais cuidadosa, é fácil constatar que os grandes mestres do Iluminismo sempre têm consciência dos limites do Iluminismo. Isso vale não só no sentido de que tiveram conhecimento das formas errôneas e dos abusos. Obviamente, é possível verificar também algo como uma superação interna do Iluminismo, como movimento e como processo permanece em boa parte inacabado. Quando não se dispõe para acompanhar este caminho, por vezes certamente árduo, deve atribuir a culpa a si. Eis a razão por que o Iluminismo constitui um desafio que exige esforço, tanto mais que não pode prometer grandes coisas aos homens, a não ser a libertação de preconceitos. Há uma falta de aperfeiçoamento interno, uma discrepância. Tudo isso é motivo dos tópicos e dos títulos de livros: ***A Dialética do Iluminismo, A Pobreza do Iluminismo, O Iluminismo Desperdiçado, O Iluminismo Desiludido.***

Os grandes pensadores da era iluminista, independentemente do fato de eles mesmos se terem tido em conta como tais, aprofundaram, à sua maneira, a reflexão sobre a essência do Iluminismo. Quanto às objeções, referem-se, na maioria das vezes, a um conceito de entendimento que permanecia em alto grau abstrato e historicamente alienado. Herder e J.G. Hamann demonstraram, cada qual da sua maneira, que o entendimento humano não pode atuar desta forma, desligado do intelecto, porém sempre se expressa numa determinada língua e sempre se acha inserido na língua viva. É muito difícil propagar um Iluminismo abrangente, quando se tem conhecimento deste poder da língua. Dirijamos nosso pensamento para o Wittgenstein tardio. Os grandes pensadores do Idealismo alemão não se deram por satisfeitos com os princípios do Iluminismo, mas justamente os filósofos tardios von Fichte e Schelling seguem novos caminhos na maneira de conceber a razão. Hegel manifesta preocupação com o fato de o pensamento girar em torno de si num Iluminismo superficial, perdendo toda a sua substância.

Mas há ainda muitas experiências filosóficas, mostrando que o conceito da razão (do entendimento) não é capaz de apreender corretamente numerosos fenômenos da vida humana. Assim a investigação do inconsciente trouxe a lume que somos movidos e determinados por fatores muito mais numerosos do que no momento conhecemos. Apesar de todo o desencantamento de formas errôneas no campo religioso, existe para o homem algo como o mistério, que não é simples e puramente o resto daquilo que até hoje não ficou esclarecido. Muitas descobertas da era romântica sobre o papel do "sentimento" imediato, da intersubjetividade, da filosofia do encontro e do diálogo demonstraram que aquilo que chamamos de humano é muito mais amplo e muito mais rico do que aquilo que o habitual conceito do Iluminismo apresenta.

Creio também que a hermenêutica desenvolve e transforma todo o tipo de Iluminismo. Na compreensão, aproximamo-nos de uma realidade que, de momento, não nos era acessível. Ela se nos apresenta simplesmente como o estranho. Assim, reconhecemos hoje claramente o quanto somos condicionados pelo nosso eurocentrismo na compreensão de outros continentes e culturas. Quando o pensamento no sentido do Iluminismo não se dispõe para entender e interpretar o que lhe é estranho, não é capaz de compreender a realidade na qual o homem vive.

De mais a mais, parece-me ser necessário determinar, com mais precisão, o conceito do entendimento humano. No escrito *Was ist Aufklärung?*, Kant nos oferece um conceito de entendimento. Este conceito, pelo menos no sentido que Kant lhe dá, desempenha, desde o início, um papel importante, quiçá mais implícita e indiretamente, quer dizer, atribui ao indivíduo como que uma competência ilimitada e uma autonomia absoluta.

Sei que, em Kant, são encontradas outras dimensões que indicam uma tendência contrária; basta pensar na sua compreensão do juízo moral e na sua noção sobre o "fato" do entendimento. Não obstante, prevalece a tendência de considerar o espírito humano primariamente um tribunal, diante do qual tudo é submetido a um exame crítico. Não se chega a uma consciência bastante clara, como na inquirição e no interrogatório de um réu. Ao lado desta percepção, já existe, conforme o significado, uma outra percepção, isto é, empenhando toda a atenção e todo o cuidado crítico se percebe algo que tem o sentido do receber e do padecer.

### **Adeus aos sonhos de onipotência**

Não somos tão independentes que, por fim, produzamos tudo por força de nosso entendimento. Evidentemente, isso não quer dizer que tudo o que percebermos e reconhecermos desta maneira pelo nosso entendimento é assumido por nós sem exame e sem crítica. Pelo contrário, pois sob este aspecto persiste a necessidade de que tudo o que recebemos por herança ou por tradição passe pelo fogo de uma interrogação crítica quanto ao seu significado e seja submetido a um exame minucioso. Nesta averiguação, porém, aquilo que procede da tradição não deve desintegrar-se inconsistentemente, antes pode ser aceito e confirmado até, justamente a partir das sólidas verificações feitas sob o nosso ponto de vista. A passagem crítica, por meio de tradições, não deve deixar-nos com preconceitos meramente negativos, pois há recordações inesperadas e até francamente explosivas e perigosas, que, em boa parte, também nos libertam de nós mesmos. E o submeter-se livremente sob a guia (direção) de um outro é já por si mesmo menoridade?

Sou de opinião que *Aufklärung* (Iluminismo) só é entendida corretamente quando não elimino simplesmente estas intuições. Por um lado, o homem deve ser visto impiedosamente com todas as suas faculdades em sua finitude e seus condicionamentos. É preciso que alijemos todos os sonhos de onipotência quase divina por mais ocultos que sejam. Porém, isso não significa que, com esta atitude, devamos sacrificar também a faculdade do espírito humano de conhecer a verdade. A esta limitação, evidentemente, pertence também o conhecimento perspectivista de todas as coisas. No cosmo de múltiplas perspectivas, reside uma grande riqueza.

É assim que eu imagino hoje o diálogo com Kant relativamente à resposta que pede a pergunta *Was ist Aufklärung?* Elucidar o que é *Aufklärung* (Iluminismo) continua sendo uma tarefa.

Isso pressuposto, deveríamos, como teólogos, abordar, com novo vigor e no genuíno sentido da palavra, com plena consciência de nós mesmos, as questões que tratam de Deus e da vida eterna. Afinal, nesses pontos não existe oposição em relação a Kant.

## UMA TEORIA DO LIMITE

O artigo a seguir, escrito por Gianni Vattimo foi publicado no jornal **La Stampa**, em 11 de fevereiro de 2004. Ele ajuda na discussão da matéria de capa desta edição, comentando a atualidade de Kant, ao ter fundamentado uma teoria do limite. Gianni Vattimo, filósofo italiano e deputado do Parlamento Europeu, é professor de Filosofia na Universidade de Turim. Considerado um dos maiores filósofos europeus, é autor de inúmeros livros, entre os quais destacamos: **La fine della modernità. Nichilismo ed ermeneutica nella cultura post-moderna: un significativo contributo all'attuale dibattito filosofico** (1985) (**Fim da Modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna: uma contribuição significativa ao atual debate filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 1996); **Il pensiero debole** (Pensamento fraco, não traduzido para o português); **Credere di Credere** (1996, traduzido para o português sob o título **Acreditar em Acreditar**. Lisboa: Relógio D'água, 1998. **La Religion: séminaire de Capri** (em colaboração com Jacques Derrida). Paris: Seuil, 1996 e traduzido para o português. O último livro de Vattimo é **Dopo la cristianità. Per un cristianesimo non religioso**, Roma: Garzanti, 2002. (Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso, ainda não traduzido para o português). Este livro e o **Credere di Credere** serão tema de uma oficina a ser ministrada no **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI**, a ser realizado na Unisinos, de 24 a 27 de maio de 2004.

De Gianni Vattimo, publicamos um artigo no **IHU On-Line** número 53, de 31 de março de 2003, e outro no número 80, de 20 de outubro de 2003. Ele concedeu uma entrevista exclusiva na 88ª edição, de 15 de dezembro de 2003.

Como se sabe, a **Crítica da razão pura** não era uma série de observações críticas contra a razão; mas um trabalho destinado a estabelecer os limites dentro dos quais a razão pode alcançar resultados eficazes. É o caso, principalmente, das ciências experimentais, como a física de Newton. Portanto, não só por amor à “fraqueza” do pensamento, a atualidade permanente de Kant pode ser indicada no fato de ter fundamentado, ou confirmado de maneira autorizada, uma teoria do limite. O conhecimento é limitado ao mundo fenomênico, ou seja, ao âmbito do que é acessível à nossa percepção sensível. O resto, que não é pouco, é “noumeno”, como dizia Kant, retomando o termo grego, isto é, “pensado”.

Heidegger diz, escandalizando a muitos, que “a ciência não pensa”, simplesmente repete Kant. O limite pode ser transposto apenas pela decisão moral e pela experiência estética, que o transpõem, no entanto, de modo perigoso e totalmente incerto. Jamais podemos “demonstrar” rigorosamente a alguém que uma sinfonia de Beethoven é bela nem que um ato moral individual é “objetivamente” bom. Também o imperativo categórico, que parece tão rigoroso ao ponto de tornar-se antipático, e segundo o qual a lei da razão (prática, não teórica) nos impõe, pouco importa o que façamos, fazê-lo somente por respeito à lei e não por interesse ou prazer pessoal, não ordena nada de específico, é um imperativo “formal”. Mas, como se vê por outra formulação do mesmo imperativo (a que ordena ver a humanidade pessoal e do outro sempre como um fim, nunca como um simples meio), o respeito à lei se impõe a nós somente por amor à universalidade, isto é, por respeito aos outros seres humanos. Algo semelhante também acontece na estética, em que a apreciação do belo não pode ser distinguida do senso de partilha que isso implica: quando apreciamos uma obra de arte experimentamos prazer também porque nos sentimos parte da comunidade dos seus “fãs”.

Sem chegar ao extremo (será que era tão equivocado?) segundo o qual a ciência é apenas um assunto “prático”, uma espécie de primeiro passo para a técnica de transformação das condições de existência, podemos dizer que Kant nos ensinou que, se temos um certo acesso à “coisa em si” (dir-se-ia: ao essencial) além do mundo do fenômeno, isso passa através do

encontro, ético ou estético, com os outros. Não será no seu fim o verdadeiro *noumeno* a respeito do qual o fenômeno acaba sendo simples aparência?

## A HERANÇA DE UM FILÓSOFO

Por Adela Cortina

*Traduzimos e reproduzimos o artigo a seguir, escrito pela filósofa Adela Cortina e publicado no suplemento Babelia do jornal **El País**, em 7 de fevereiro de 2004. Adela Cortina é catedrática de Ética e Filosofia Política da Universidade de Valência e diretora da Fundação ETNOR. É doutora em filosofia e autora de inúmeros livros, entre os quais citamos: **Razón comunicativa y responsabilidad solidaria**, 1985; **Ética mínima**, 1986; **Ética sin moral**, 1990; **La moral del camaleón**, 1991. O seu penúltimo livro, **Alianza y Contrato. Ética, Política y Religión**. Editora Madrid: Trotta, 2001, 184p., foi resenhado na edição 27ª deste boletim, páginas 11-12. Em português, está publicado o seu livro **Ética Civil e Religião**. São Paulo: Paulinas, 1996. Os seus últimos livros estão sendo traduzidos para o português pelas Edições Loyola. Adela Cortina acaba de publicar o livro **Por una ética del consumo**. Madrid: Taurus, 2002.*

*De Adela Cortina publicamos duas entrevistas: uma na edição número 43, de 18 de novembro de 2002, e outra, feita pelo **IHU On-Line**, na edição número 44, de 25 de novembro de 2002, e um artigo na 58ª edição, de 5 de maio de 2003. Adela Cortina apresentou uma edição especial do **IHU Idéias** dia 20 de novembro de 2002, com o tema desenvolvido em seu penúltimo livro, **Alianza y Contrato. Política, Ética y Religión**.*

O legado de um filósofo se detecta, e isto é claro, na bibliografia que existe sobre ele, nas traduções de sua obra, nos debates celebrados sobre ele. Mas, quando sua influência é decisiva, percebe-se em algo mais, no fato de que não se pode prescindir dele para nos compreendermos a nós mesmos, para entendermos nosso modo de fazer ética, política, economia, ciência, arte ou religião. E este é o caso de Kant. O vírus da autonomia, que ele introduziu filosoficamente em nossa cultura, já está enraizado. A convicção de que o ser humano é acima de tudo criador, pró-ativo; não vassalo, não servo, não pura reação diante dos fatos, menos ainda reacionário.

Fazer ciência não é só tomar nota do que a realidade ensina senão, e sobretudo, desenhá-la, construir modelos, sonhar utopias científicas, sem mais limite que o da experiência real ou possível.

Viver eticamente não é conformar-se com o que nos acontece - a fome, a pobreza, as promessas não cumpridas, a mentira como instituição -, é decretar o que deveria acontecer. Que cada ser humano seja tratado como é, como um fim em si mesmo e não um simples meio; como o que não tem preço, mas dignidade. Por isso, o princípio supremo de uma ética cidadã tem um lado limitante - "não instrumentalizarás" as pessoas - e um positivo - "sim, as beneficiarás" - sim porás a seu serviço a política, a economia e quanto esteja a nosso alcance. Os direitos humanos, o consentimento informado, as vontades antecipadas, os limites e os benefícios das biotecnologias, assentam sua base racional neste princípio.

Como também o projeto indeclinável de construir uma cosmo-polis, uma cidade universal em que todas as pessoas se saibam e sintam cidadãs, como meta da política e da educação. Construir comunidades transnacionais, estabelecer pactos entre elas, desenhar organismos internacionais, ou promulgar uma constituição mundial republicana, trabalhar, em qualquer caso, em um direito cosmopolita, são passos necessários para evitar o dano sempre indesejável da guerra, atendendo ao mandato da razão: "Não deve haver guerra, essa não é a forma de cada um procurar seu direito". São passos necessários para construir uma paz duradoura.

Mas também abrir uma esfera pública em cada país e no nível mundial, em que as pessoas expressem sua opinião, informem-se, dialoguem e debatam, prossigam a tarefa da ilustração, dêem corpo ao princípio de publicidade, segundo o qual, não é válida uma lei que não resista ser publicada.

E o que dizer da religião? Fica anulada por esta autonomia prometeica, que parece roubar o fogo aos deuses? Mas quem perde crédito são os deuses que não respeitam a dignidade e a igualdade humanas, nem se condoem do sofrimento. Um deus que humilha os homens não é Deus. Só o é o que garante que a injustiça não seja a última palavra da história.

Filósofos decisivos em nosso momento (Rawls, Apel, Habermas, para citar alguns) dizem-se kantianos. Outros, que não se dizem, assumem entretanto boa parte da herança de Kant, embora lhes falte talento para lhe dar apoio filosófico. Se renunciarmos a esse legado, renunciaremos, a nosso modo, a ser pessoas e cidadãos (mulheres, homens) no século XXI.

## PALADINO DA RAZÃO

### Entrevista com Emílio Garroni

*Maria Matulano entrevista Emílio Garroni, que fala do grande filósofo que morreu há duzentos anos. “Kant via a paz como o ideal supremo”, afirma Garroni, professor de Estética na Universidade La Sapienza de Roma, conhecedor profundo do filósofo de Königsberg e de sua estética, sobre a qual escreveu a monografia “Estética. Uma análise rápida”. A entrevista a seguir foi publicada no jornal italiano **Gazzetta di Parma** em 11 de fevereiro de 2004.*

**Professor Garroni, duzentos anos depois de sua morte, as palavras de Kant continuam sendo citadas por políticos e intelectuais de diversas tendências para esclarecer as transformações mais obscuras da sociedade contemporânea. Penso, por exemplo, no “Projeto por uma paz perpétua”, mencionado por vários partidos, para exorcizar os ventos de guerra que, nos últimos, tempos varreram o mundo. A que se deve tanto sucesso?**

**Resposta** - É normal que as teorias de Kant sobre a possibilidade de garantir à humanidade uma condição de paz perpétua mediante a construção de uma sociedade cosmopolita tenham um eco forte num momento em que se fala em guerra preventiva. Mas a atualidade do pensamento kantiano não se limita a esse aspecto sociopolítico. Também no plano da filosofia crítica, ele continua exercendo uma influência enorme, e pode-se dizer que depois dele não houve pensador de certa importância que não tenha ajustado contas com suas idéias fundamentais, ainda que para tomar distância delas.

**Quais são as idéias que Kant “deixou de pensar” na filosofia contemporânea?**

**Resposta** - A maior contribuição que Kant deu ao pensamento contemporâneo é a sua teoria do conhecimento. Ele teve o mérito de superar o tradicional dualismo entre tradicionalismo e empirismo, subjetivismo e objetivismo, para demonstrar que não é sustentável a tese que afirma a possibilidade de um conhecimento absolutamente objetivo da realidade - como se o observador pudesse limitar-se a colher os dados da experiência sem ter de elaborá-los e interpretá-los mediante as "categorias" do intelecto -, nem a tese que reduz a realidade a um mero produto do Eu, à emanção da consciência. Kant provou de uma vez por todas que o conhecimento brota de uma interação complexa entre sujeito e objeto, entre os dados sensíveis da experiência e a mente que tem a tarefa de interpretá-los, de tornar determinado o indeterminado. Diferentemente dos animais, os homens não têm sentidos tão aguçados para perceber com clareza os dados provenientes da realidade externa: quando um gato percebe um

rato, não tem dúvida de que o viu, e corre atrás. Nós não percebemos diretamente um rato, mas um objeto em movimento que só depois de uma elaboração perceptiva e pré-intelectual temos condições de enquadrar na categoria "rato". É sobre essa deficiência sensorial, basicamente, que construímos a nossa cultura: é a indeterminação de nossas sensações que nos leva a elaborar as leis que governam a experiência, a edificar a construção teórica magnífica que chamamos de ciência.

**A relação entre sujeito e objeto está no centro da estética kantiana, um âmbito da sua filosofia do qual o senhor é considerado um dos maiores especialistas italianos. Qual foi a contribuição de Kant para a evolução dessa disciplina?**

**Resposta** - Kant demonstrou que a estética não é uma ciência ou uma filosofia da arte, como ainda hoje é considerada, e sim uma disciplina que estuda as condições graças às quais temos condições não só de definir os fenômenos que nos rodeiam como "belos" ou "feios", mas também de organizá-los em nossa percepção, de reconduzi-los sob determinadas categorias e de conferir a eles um sentido e uma unidade para poderem tornar-se objeto de conhecimento científico.

**Kant escreveu que todos os problemas da filosofia podem ser reduzidos a três perguntas fundamentais: O que posso conhecer? O que devo fazer? O que posso esperar? Qual dessas três perguntas, em sua opinião, é hoje a mais atual?**

**Resposta** - "O que posso esperar?". Vivemos numa época muito obscura, cheia de ameaças que estão prestes a cair sobre o nosso futuro. A paz perpétua a que Kant aspirava não está em primeiro lugar na escala de valores daqueles que têm os destinos do mundo em suas mãos, e parece que em nosso planeta se trabalha sobretudo para acabar com o sonho que Kant considerava o ideal supremo a que cada povo deveria tender. Kant talvez tenha sido um dos últimos "mestres do pensamento", uma das figuras que se destacam como oráculos, que vivem distanciados para iluminarem o mundo com o seu saber.

**Um objetivo que hoje ninguém pensaria em atribuir a um filósofo: que lugar a filosofia ocupa na sociedade contemporânea?**

**Resposta** - Hoje o filósofo é marginalizado. Ninguém mais recorre a ele para obter respostas às interrogações infinitas que a existência coloca. Provavelmente, devemos atribuir a culpa - ou o mérito - disso a Kant: depois dele, os argumentos sobre os quais se poderia aplicar a reflexão filosófica parecem ter-se exaurido. Para além das filosofias específicas - das quais as investigações universitárias de Filosofia do Direito, Filosofia da Religião, etc., são apenas uma herança -, a reflexão filosófica parece cada vez mais árida, confinada em si mesma, incapaz de produzir algo de novo. Mas este talvez não seja um grande mal: o objetivo da filosofia talvez não seja tanto propor conteúdos positivos sempre novos, quanto compreender - e voltar a compreender - o que já foi entendido, e sobretudo corrigir os erros que filósofos e não filósofos cometem no exercício do pensamento. Deste ponto de vista, a voz do filósofo poderia não ser tão inútil quanto parece, porque poderia chamar a atenção de todos para a necessidade de pensar.

# DESTAQUES DA SEMANA

## Análise de Conjuntura

### FÔLEGO PARA O FOME ZERO

*Zilda Arns Neumann, fundadora e coordenadora nacional da Pastoral da Criança, é conselheira titular da CNBB no Conselho Nacional de Saúde, membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social e membro do Conselho de Segurança Alimentar. No artigo a seguir, publicado pela **Folha de S. Paulo**, em 17 de março de 2004, ela fala sobre os rumos do programa Fome Zero, do governo federal. Os subtítulos são nossos.*

Começa hoje, em Olinda, e vai até 20/3 a 2ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, sob o tema *A Construção de uma Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional*. A Pastoral da Criança participa desse evento.

São 20 anos de compromisso com a construção da cidadania, prevenção de doenças, recuperação de desnutridos, educação popular para o desenvolvimento físico, social, mental, espiritual e cognitivo das crianças menores de seis anos, dentro de seu contexto familiar e comunitário. Contamos com mais de 230 mil voluntários, que atuam nas famílias, acompanhando 1,717 milhão de crianças e 80 mil gestantes pobres, em 34 mil comunidades de cerca de 3.700 municípios do Brasil.

A Pastoral da Criança vai apresentar propostas sobre a segurança alimentar e nutricional durante a conferência. Entre elas, aspectos de nível familiar, como aumento da renda das famílias, utilização dos alimentos regionais, distribuição dos alimentos entre os membros da família, acesso à água tratada e ao saneamento, implementação de programas de hortas domésticas e pomares (com orientação técnica e distribuição de mudas de hortaliças, legumes e árvores frutíferas), educação alimentar obrigatória nos currículos das escolas, promoção de políticas mais amplas de pesquisa, com a valorização maior da Embrapa, implementação da agricultura familiar e outras.

#### **Abertura de mercado, e não esmola para acabar com a fome**

Lembro-me de quando estive representando o Brasil na assembléia da ONU sobre as metas de cúpula para as crianças do mundo, em maio de 2002. Os chefes de Estado dos países em desenvolvimento diziam, insistentemente, que não queriam esmola dos países ricos, e sim abertura de mercado e ajuda para desenvolver sua infra-estrutura, sua educação, sua saúde - acabando, assim, com a fome de seus povos.

O presidente Lula empenhou sua palavra, ao tomar posse, ao dizer que haveria "mudanças" e que considerava a missão de sua vida assegurar a cada brasileiro e brasileira, ao fim de seu mandato, três refeições por dia. Isso significa que o Fome Zero é prioridade do governo, em parceria com a sociedade civil. Todas as pesquisas de opinião demonstram que o Fome Zero é o programa mais conhecido e apoiado pela população. Se o próprio governo não se convencer disso, cometerá um suicídio político. O Fome Zero não deve estar sujeito à política econômica. É hora de mudar esse paradigma. É a política econômica que deve estar sujeita ao combate à fome e à miséria.

### Confusão entre Fome Zero e Bolsa-Família

O Fome Zero constituiu, em mais de 2.300 municípios do País, comitês gestores, integrados por nove pessoas, três do poder público, seis da sociedade civil. Erradicar os comitês gestores seria um grave erro, por destruir uma capilaridade popular que fortalece o empoderamento da sociedade civil; por comprovar que, sem gestão estratégica, o governo parece não saber que rumo tomar; por reforçar o poder de prefeitos e vereadores que nem sempre primam pela ética e pela lisura no trato com os recursos públicos. O governo não deve temer a parceria da sociedade civil, representada pelos comitês gestores.

Se os comitês não cuidarem também da gestão do Bolsa-Família e ficarem excluídos do controle dos cadastros das famílias beneficiárias, o governo estará escancarando a porta à corrupção. Há uma confusão entre os programas Fome Zero e Bolsa-Família que cabe ao governo federal elucidar. Um substitui o outro? Um compete com o outro? No meu entendimento, a prioridade do governo é o Fome Zero. O Bolsa-Família é um programa dentro do Fome Zero, criado para reforçá-lo com as políticas de transferência de renda.

O Fome Zero não pode, porém, ficar restrito ao Bolsa-Família, ou seja, à transferência de renda. Isso seria adotar políticas compensatórias que, a longo prazo, não promoveriam a inclusão social das famílias beneficiárias; ao contrário, reforçariam a dependência delas em relação às políticas públicas. O Bolsa-Família, ao operar transferência de renda, precisa estar combinado com a promoção humana, a reforma agrária e outras políticas estruturantes, sem as quais não reduziremos as desigualdades sociais. Portanto é de suma importância que o governo saiba operar a relação interministerial, de modo que todos os seus ministérios estejam plenamente harmonizados na política de combate à fome e inclusão social. O Ministério da Saúde, através do SUS, bem coordenado pelo ministro Humberto Costa, está em todos os municípios e se esforça para chegar a cada família. Estabelece e procura chegar à meta do controle social para evitar o desvio de recursos, que já são poucos.

A 2.<sup>a</sup> Conferência de Segurança Alimentar e Nutricional deverá elucidar muitas dúvidas. Com a criação do novo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, como ficam os comitês gestores? Qual a relação entre Bolsa-Família e Fome Zero? O Fome Zero fica reduzido a uma secretaria do novo Ministério ou segue sendo a prioridade do governo Lula? Apenas as prefeituras terão controle dos cadastros das famílias beneficiárias? As políticas de transferência de renda são um fim em si mesmas ou um meio para reforçar políticas estruturantes? E quando, efetivamente, as políticas estruturantes estarão mostrando os seus efeitos? Quais as metas? Quando a orquestra dos diversos instrumentos contra a fome e a miséria começará a funcionar nos seus diversos níveis: federal, estadual, municipal e comunitário?

## Entrevista da Semana

### A DEMOCRACIA NÃO SE EXPORTA: É DE TODOS

Reproduzimos do jornal **La Repubblica**, de 11 de março de 2004, a entrevista com Amartya Sen, indiano de Bengala, prêmio Nobel de Economia. Sen obteve o prêmio em 1998 – por seus estudos sobre o “welfare”, a pobreza e a carestia – quando ensinava em Cambridge (Inglaterra) no prestigioso Trinity College. Atualmente ensina na Universidade de Harvard e em Cambridge (Massachusetts). Seu último artigo que, propriamente, não trata de economia (*Democracy and its Global Roots*) publicado em outubro do ano passado e editado pela revista **New Republic**, suscitou uma grande discussão no mundo acadêmico e político norte-americano. Esse artigo é uma parte do livro que acaba de ser publicado, agora, na Itália sob o título **La democrazia degli altri**, pela Editora Mondadori. Entre seus livros publicados em português citamos: **Sobre Ética e Economia**



(São Paulo: Companhia das Letras, 1999); e **Desenvolvimento como Liberdade** (São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Amartya Sen está convencido de que a luta pela democracia é o desafio mais importante dos nossos tempos. A tradução da entrevista é da equipe de **IHU On-Line**.

**La Repubblica: As raízes da democracia não estão, portanto, no Ocidente?**

**Sen:** Não digo isso, pois é um fato que na Grécia a democracia tomou forma. Já no século V a. C., quando em Atenas havia uma espécie de democracia direta e se tentavam eleições próprias e verdadeiras. O que eu contesto é que a civilização grega faça parte da cultura ocidental. Digo mais: se analisarmos as diversas histórias das diferentes partes da Europa, vemos que aqueles países que hoje são um exemplo de democracia, a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha, no tempo dos gregos tinham como antepassados os godos antes que os visigodos. É um erro não reconhecer os laços culturais e intelectuais que os gregos tinham com os antigos egípcios, com os persas e com os indianos.

**La Repubblica: Democracia quer dizer eleições livres?**

**Sen:** Não. Sozinhas as eleições não bastam para estabelecer uma democracia. Tomemos o exemplo de Stalin que, como sabemos, obtinha quase 100% dos votos, às vezes até mais. Em todos os regimes ditatoriais se realizaram eleições, onde as pessoas votavam por medo, não por escolha ou convicção. A democracia é uma coisa mais complexa.

**La Repubblica: Tentemos defini-la?**

**Sen:** Numa frase? Respeito das liberdades fundamentais e das diversidades, pluralismo. Eu a chamo a “discussão pública”, a possibilidade de manifestar e discutir livremente as próprias idéias. Dessa “discussão” decorre a participação popular nas discussões próprias e verdadeiras dos problemas de governo, da agenda política.

**La Repubblica: O senhor obteve um Nobel por seus estudos sobre a pobreza. É possível uma democracia completa nos países em desenvolvimento?**

**Sen:** O que é a democracia completa? Tomemos o exemplo deste país, os Estados Unidos. É um país, certamente, democrático, contudo são poucos os que vão votar, sobretudo nas minorias étnicas como os afro-americanos. Mas seria errado criticar a América por isso. Quanto às nações pobres, tomo o exemplo da Índia, o país onde nasci. Quando nos anos 1970, Indira Gandhi, que não era uma pessoa antidemocrática mas que, talvez, foi mal assessorada, tentou reduzir os direitos civis e as liberdades políticas, foi fragorosamente derrotada nas eleições. Os eleitores “pobres” decidiram que também num país em via de desenvolvimento como a Índia, as liberdades e a democracia eram fundamentais.

**La Repubblica: É possível a democracia nos países islâmicos?**

**Sen:** Evidentemente que sim. A democracia é um valor global. É profundamente errado pensar que a democracia seja somente um valor ocidental.

**La Repubblica: E se ela entra em conflito com o Islã?**

**Sen:** Não digo que não haja um conflito com a religião, mas se há um conflito há uma discussão e isso nos remete ao princípio da democracia como “discussão pública”. De resto, qualquer religião entra em conflito com a democracia. A religião pode ser, e em certos casos é, um problema. Atenas não era uma cidade particularmente religiosa. Mas acho que não devemos enfatizar demais os integralistas islâmicos como não devemos fazê-lo com os “fundamentalistas” cristãos dos Estados Unidos.

**La Repubblica: A democracia pode ser exportada?**

**Sen:** Eu posso exportar qualquer coisa que eu tenho e tu não tens. Acho que nós, como “Ocidente”, exportarmos a democracia é um comportamento arrogante, significa apropriar-se de algo que não é somente nosso, significa “roubar” a democracia, um valor que é uma herança mundial. No nono, décimo e décimo primeiro séculos, havia mais democracia em Córdoba, dominada pelos muçulmanos, do que no “Ocidente”. No décimo segundo século, o filósofo hebreu Maimônides foi obrigado a fugir de uma Europa intolerante e encontrou benévola acolhida na corte de Saladino, o mesmo que combateu pelo Islã contra as Cruzadas. E as “Cruzadas” foram inventadas no Ocidente. Quando Giordano Bruno foi condenado em Roma, o imperador mongol Akbar proclamava, na Índia, a necessidade da tolerância e abria o diálogo entre pessoas de credos diferentes: hindus, muçulmanos, cristãos e até ateus.

**La Repubblica: É legítimo impor a democracia pela força?**

**Sen:** Eu não acredito que seja o modo melhor. Creio que diz respeito, antes de tudo, aos “indígenas” encontrar o modo de desenvolver e impor a democracia. Às vezes, a pressão e as interferências externas são necessárias. Vem-me à mente a Birmânia, que agora se chama Myanmar, mas eu prefiro continuar chamando-a de Birmânia. Ali a pressão externa tem sido muito importante.

**La Repubblica: E o Iraque?**

**Sen:** Houve as pressões dos exilados iraquianos em Washington. O ponto de vista deles é muito discutível e não é o único que deve ser tomado em conta. O Iraque é um problema particular.

**La Repubblica: Em que sentido?**

**Sen:** Porque não há dúvidas que era um regime tirânico e sanguinário, uma terrível ditadura. Mas era um regime “secular” e não um país islâmico integralista. Agora, depois da invasão americana, esta sociedade secular será declarada, com uma “Constituição”, uma sociedade islâmica. Há muitas contradições em tudo isso”.

**La Repubblica: Mas o senhor foi a favor da guerra no Kosovo. Por quê?**

**Sen:** Porque acredito que foi uma intervenção justa. A intervenção no Iraque foi decidida, não porque aquele era um regime sanguinário, mas porque Saddam representava um “risco” para os Estados Unidos, ainda que depois as famosas armas de destruição de massa não fossem encontradas. No Kosovo, milhares de pessoas, naquele caso muçulmanos, eram brutalmente assassinadas. E a intervenção não foi decidida para defender os interesses americanos ou da Grã-Bretanha.

**La Repubblica: Pode-se usar a violência “pela” democracia?**

**Sen:** A violência, em alguns casos, pode ser justificada. Um exemplo para isso é a segunda guerra mundial. Mas é preciso estar muito atento. E para retomar o exemplo do Iraque, eu acho que não ter envolvido as Nações Unidas foi um erro grave.

**La Repubblica: Não lhe parece que as Nações Unidas não gozam de boa saúde?**

**Sen:** Antes de falar da ONU preciso dizer algo.

**La Repubblica: O quê?**

**Sen:** Eu sou conselheiro de Kofi Annan. Devo precisar isso por uma questão de correção.

**La Repubblica: Então, o que pensa da ONU um conselheiro de Koffi Annan?**

**Sen:** Pago simbolicamente um dólar anual. Digo isso porque não sou um fã da ONU, porque me pagam, mas me tornei um conselheiro especial, porque acredito nas Nações Unidas. O problema da ONU é que depende dos Estados, não só economicamente, mas também politicamente. No Iraque, a ONU não esteve presente, porque os EUA e a Grã-Bretanha não quiseram. E foi um erro.

**La Repubblica: O senhor também é um “expert” em globalização. Quais são hoje os problemas mais graves?**

**Sen:** A globalização em si mesma não é um problema. A globalização na economia, nas ciências, na matemática, na música é algo que enriquece a humanidade, é um fato absolutamente positivo. O problema é a desigualdade na participação da globalização.

## Artigo da Semana

### FSM – APÓS MUMBAI, NADA SERÁ COMO ANTES!

*O encontro de Mumbai, em janeiro de 2004 na Índia, mudou o rumo dos Fóruns sociais mundiais. Como evitar que a próxima edição no Brasil – em Porto Alegre, 2005 - não seja uma mera repetição? É a pergunta que inquieta o Conselho Internacional do FSM abordada na matéria 'Porto Alegre deverá dar continuidade ao desafio indiano' da revista francesa **La Vie**, de 19 de fevereiro de 2004, que reproduzimos a seguir. O autor do artigo é Patrick Viveret. Por indicação nossa, a tradução é de nossos colegas do Cepat, de Curitiba.*

“Em Mumbai vi espaços para conferências em locais organizados para cinco mil pessoas e que de fato não reuniram mais do que 100 pessoas”. Retornando da Índia depois de alguns dias, Gustavo Marin, chileno, residente na França e animador da Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário, não se esquece desse fato, ao mesmo tempo em que se põe a dar risadas quando se lembra, que na mesma ocasião, os militantes ocidentais disputavam espaço para ver quem iria ocupar a tribuna nos famosos plenários, supondo que estavam falando para a ‘nata’ de todo o Fórum Social.

#### Objetivo atingido, objetivo superado?

Na Índia, essas ‘disputas táticas’ foram uma piada. Enquanto os militantes europeus se debatiam entre eles, as oficinas ao lado, dos indianos, discutiam os temas que de fato lhes preocupam: o lugar da mulher, a luta dos intocáveis, a resistência ao integrismo religioso... “Foi mesmo um diálogo de surdos - afirma Gustavo -, que não se resumiu à participação nos plenários, mas que se estendeu ao meio dos tambores das inumeráveis manifestações” As organizações apostaram na etapa asiática do FSM em uma maior participação dos movimentos populares. Objetivo atingido, objetivo superado? Em Porto Alegre, o Fórum tem reunido sobretudo representantes de organizações ‘profissionais’ do ativismo social e político. Em Mumbai, os movimentos de base ocuparam as ruas, manifestando de forma contundente e clara as suas reivindicações, mas também os seus espetáculos: o teatro, a dança, a música... centenas de manifestações artísticas interromperam os milhares de debates.

### Evitar - 'Porto Alegre, o retorno'

E agora se coloca para o FSM em Porto Alegre – janeiro de 2005 – o desafio do caminho sugerido em Mumbai. Das duas coisas, uma: ou bem o Fórum retorna ao Brasil e imprime o mesmo caminho iniciado com os indianos, ou bem, ele segue da mesma forma anterior, a qual já mostrou os seus limites, o que apareceria como uma regressão. “O objetivo é claro: fazer de tudo para evitar que ocorra um ‘Porto Alegre, o retorno’”, resume Chico Whitaker, secretário geral da Comissão Justiça e Paz, vinculada a CNBB, e um dos primeiros articuladores do Fórum.

### O próximo Fórum em três etapas?

E não se perdeu tempo. Reunidos em Mumbai, no encerramento do Fórum de 2004, o conselho internacional do FSM lançou as bases de uma redefinição no formato do evento. Idéia central: reforçar as atividades ‘auto-organizáveis’ - em outras palavras, as oficinas, atividades livremente propostas pelos participantes – e fazer com que o fruto dessas reflexões contribuam para a clareação de pistas de ações concretas. Oded Grajew, que preside a Ethos, uma associação de empresários ‘cidadãos’ brasileiros, e que foi o primeiro a lançar a idéia do FSM, sugere ‘fatiar’ o próximo Fórum em três etapas: dois dias para as habituais oficinas, seminários e conferências; um terceiro dia dedicado aos encontros de articulação entre os participantes e um último dia para a discussão dos planos de ação.

Porque uma coisa está certa: se o aspecto propositivo do Fórum não se afirma, ele poderá tomar um rumo sujeito a veleidades ou até mesmo encantatório. “Se nós nos contentamos apenas em ‘falar de utopias’, nós podemos alimentar decepções e desilusões”, sublinha Vivian Labrie, uma quebequense que anima em seu país o Coletivo de aplicação de uma lei de eliminação da pobreza. “Não podemos enterrar um sonho sem ao menos tentar transformar esse sonho em ação”.

### Procurar novos caminhos

O Conselho internacional do FSM está consciente e debaterá isso em sua próxima reunião, de 4 a 6 de abril na Itália. Porém, não é fácil inovar em uma estrutura que reúne aproximadamente 120 pessoas. De retorno da Índia, um pequeno grupo informal, de umas vinte pessoas -, que no Fórum de Porto Alegre 2003, já tinha tomado a iniciativa de propor uma oficina em torno dos problemas de rivalidade e poder no interior do FSM – se reúne agora em Paris. Objetivo: propor seus serviços ao conselho internacional, para ajudar a criar novos métodos, particularmente mais participativo. “É preciso também trabalhar sobre a forma: em Mumbai, os indianos nos mostraram como a cultura pode ajudar a mudar nossas representações e nossos modos de racionalidade”, comenta o sociólogo francês, Jean-Pierre Worms que, com Chico Whitaker, Vivian Labrie, Gustavo Marin e outros, colaboram com este coletivo informal.

Outro caminho estudado por este pequeno grupo: colocar em marcha uma campanha civil contra a fome e a pobreza (tendo como modelo a iniciativa de Genebra pela paz no Oriente Médio), afirmam que o Fórum de Porto Alegre transforme essa questão em seu modo operacional. Uma proposição que vai de encontro à mesma preocupação de Bernard Cassen, presidente de honra da Attac francesa, de encontrar os ‘tempos de mobilização’ e de fundar os alicerces que dêem ‘liga’ entre os Fóruns.

Uma coisa está certa: após Mumbai, nada será como antes! Sob o risco, caso contrário, de se enfraquecer.

---

## Filme da Semana

### SOBRE MENINOS E LOBOS

#### *Ficha Técnica*

Nome original: *Mystic River*

Origem: EUA

Realização: 2003

Gênero: Drama

Duração: 137 min.

Classificação: 14 anos

O filme que destacamos nesta edição, **Sobre Meninos e Lobos**, é comentado mais uma vez (2) na editoria Filme da Semana, por Luis García Orso, padre jesuíta mexicano, presidente da Organização Católica Internacional de Cinema (OCIC) no México, que premia os valores humanos em festivais cinematográficos. O autor nos cedeu o artigo que foi traduzido pela equipe de **IHU On-Line**.

Um bairro católico de origem irlandesa no sul de Boston. Três incipientes adolescentes jogam bola na rua. Na calçada, junto à boca-de-lobo, um conserto com cimento está fresco, e os três escrevem nele seus nomes: Jimmy, Sean, Dave. O terceiro nome só fica na primeira sílaba, pois aparece um carro do qual descem dois homens que fingem ser policiais e que, sob pretexto de danos na via pública, levam o Dave. Depois sabemos que abusam sexualmente dele durante quatro dias, abandonam-no e fogem, sem que nunca se tenha feito justiça.

Trinta anos depois, no mesmo bairro. Jimmy (Sean Penn), que teve uma juventude bastante envolvida em delitos, agora, regenerado, é dono de uma loja de bairro; Sean (Kevin Bacon) é um correto e honesto detetive na polícia estatal; Dave (Tim Robbins) vai fazendo sua vida penosamente, com uma aparente tranquilidade, ao lado de sua família. Os três antigos amigos, agora distantes, voltam a encontrar-se por causa do violento assassinato da filha maior do Jimmy. A violência os separou, a violência voltou a uni-los em um presente que não queriam viver, como tampouco quiseram viver o passado.

Primeiro, um jogo interrompido e um nome no cimento que já não se pôde terminar de escrever; depois, um jogo de beisebol e uma festa de primeira comunhão cortados pela violência. **Sobre meninos e lobos** é a história da inocência arrebatada, de uma vida interrompida, da dor que se carrega como lápide que já não se pode mais agüentar. O que se pode fazer com o passado, que nos segue perseguindo? Com a violência que se inocula e mata tudo? Com o fardo da dor imposta?

Sean Penn volta a nos golpear – como em *21 gramas* - com sua interpretação de um pai ferido até o tutano, duramente inconsolável, como fera que não se dá por vencida. Tim Robbins encarna, com todo o corpo, com cada passo arrastado e cada gesto hesitante, a dor de um homem a quem o passado arrebatou a possibilidade de viver em paz o presente. Ambos,

---

<sup>2</sup> Na edição 88, de 15/12/2003, reproduzimos o artigo de Claudio Szyrkier, veiculado pela **Agência Carta Maior**, em 9 de dezembro de 2003, que faz a crítica do filme que citamos nesta edição.

querendo tomar em suas próprias mãos a justiça (ou a vingança?), em uma sociedade em que aparentemente a lei fará justiça.

Longe de ser uma história mais de crimes e de policiais, **Sobre meninos e lobos** é o cinema que vale por suas emoções contidas, seus silêncios, seus personagens de carne e de entranhas, por uma história que vai tomando seu rumo impetuoso, que nós nunca teríamos desejado, como na vida mesma!

Clint Eastwood se atreveu a lançar-se como diretor de cinema em 1971 em **Obsessão Mortal** (*Play Misty for Me*), quando acabava de chegar à fama com *westerns* italianos e depois com seu personagem do *Harry, o sujo*. Em sua trajetória de 24 filmes como diretor, há títulos tão importantes como *Bird*, *Os imperdoáveis* (Oscar de 1993), *Um mundo perfeito*, *As pontes de Madison*, *Meia-noite no jardim do bem e do mal*. Agora, na maturidade de seus 73 anos de idade, e mais de trinta como cineasta, com uma direção suave e firme, sóbria e sem concessões ligeiras nem enfeites, eficiente para nos colocar na história sem recursos artificialmente chamativos, **Sobre meninos e lobos** ensina como se faz um cinema sério, amadurecido, sensível e consciente, clássico.

Para os personagens desta história, um rio de Boston talvez é o único que pode afogar os crimes e pecados, a culpa e o passado. (Poderia este rio místico ser um símbolo do mistério de Deus? Para Clint Eastwood parece que não). A diferença entre esse filme e *21 Gramas*, no qual também três seres humanos procuravam e achavam redenção, em **Sobre meninos e lobos** não há redenção. É tanta a violência, tanto o desespero, tanto o dano que não cicatriza, que as pessoas terão que seguir sorrindo falsamente em um desfile final, aprendendo a sobreviver, enquanto os fantasmas do passado talvez sigam flutuando no rio e retornem.

## Deu nos Jornais

### Venceu a onda longa da Espanha

“Venceu Zapatero, venceu a onda longa de uma opinião pública que, exatamente, há um ano invadiu as praças e as estradas da Espanha para reagir contra a guerra americana no Iraque, contra uma decisão unilateral que humilhava a ONU e a legalidade internacional, contra o próprio governo que se colocava ao lado da superpotência sem nenhum respeito pela vontade claramente expressa por 90% do povo espanhol”. “O povo, portanto, é o soberano absoluto somente quando o poder decide que o seja? Esta onda longa na opinião pública esperou um ano. Ela assistiu ao fracasso do empreendimento iraquiano. Ela viu o terrorismo, que devia estar derrotado ou, ao menos, enfraquecido por esta guerra, sair mais forte e multiplicado como uma hidra com muitas cabeças assustadoras e sanguinosas. Enfim, recolheu com dignidade dolorosa e silenciosa os seus mortos e três dias depois votou”. “O resultado, nós o vimos: o povo espanhol reassumiu nas suas mãos a soberania, tirou a delegação de quem a traíra e a confiou a quem, desde o início, compartilhara as escolhas do povo. Isso aconteceu na jornada do dia 14 de março. Quem não o compreendeu logo mais terá outras ocasiões para o entender”. A análise contundente é de Eugenio Scalfari, jornalista italiano, respeitado colunista do jornal *La Repubblica*, 16-3-04.

### As implicações do atentado de Madrid

“O que pode ter ocorrido neste caso é uma intenção clara de influir nas eleições. Por isso, se realmente foi a Al Qaeda, isso será um gravíssimo problema para a Europa e para todo mundo”. A opinião é de Glenn Schoen, diretor de Análises de TranSecur, uma empresa de

serviços de informação de segurança com sede em Washington, em entrevista publicada pelo jornal espanhol *El País*, 16-3-04. Segundo ele, “Este atentado vai ter um impacto nos cálculos políticos de quem vai ajudar ou não contra o terrorismo. Vai ter um impacto em todas as próximas eleições e em todos os grandes acontecimentos na Europa, porque as pessoas vão dizer que este ataque estava diretamente ligado às eleições espanholas e vão relacionar o 11-S com o 11-M...” “As implicações são enormes. Se se concluir que se trata de um atentado da Al Qaeda, vai ser perigoso para os outros países europeus num nível até agora desconhecido, porque estamos ante novas táticas, novos métodos operativos sem terroristas suicidas... E os terroristas fazem estalar bombas por controle remoto e podem atuar numa outra ocasião”.

### **EUA financiaram a oposição a Chávez**

“Os Estados Unidos transferiram mais de US\$ 1 milhão a grupos que fazem oposição ao presidente da Venezuela, Hugo Chávez, nos últimos dois anos”. A notícia foi publicada em vários jornais internacionais do dia 15-3-04 e é retomada pela *Folha de S. Paulo*, 16-3-04. Segundo o jornal “parte do dinheiro foi doada em setembro passado diretamente a Súmate, um grupo de oposição ao governo que está recolhendo assinaturas para a realização de referendo popular para tirar Chávez da Presidência.” “Os recursos foram transferidos à oposição venezuelana pelo NED (National Endowment for Democracy), segundo documentos revelados nos EUA pelo Foia (Freedom of Information Act, ou Lei sobre a Liberdade de Informação, existente desde 1966). O NED opera em Washington e se intitula ‘independente’ e ‘guiado pela crença na liberdade e na democracia’. Mas quase a totalidade dos fundos que distribui a vários países saem do Congresso dos EUA, hoje dominado pelo Partido Republicano do presidente George W. Bush”.

### **Brasil e Argentina firmam acordo inédito**

Com esta manchete de primeira página, o jornal argentino *Clarín*, 17-3-04, noticia o acordo firmado, dia 16 de março, por Kirchner e Lula, no Rio de Janeiro. O compromisso principal é assegurar que o pagamento da dívida não impeça o crescimento da economia nem a realização de obras de infra-estrutura. Os dois países sustentarão esta posição nas negociações individuais com o Fundo Monetário Internacional - FMI. O acordo foi assinado depois de tensas negociações, segundo o mesmo jornal.

### **O “superávit” travou as discussões entre Argentina e Brasil**

Longas negociações foram travadas entre as duas delegações sobre a inclusão ou não da palavra “superávit”, segundo o jornal *Clarín*, 17-3-04. Segundo uma fonte do governo argentino, Kirchner insistiu para que o documento firmado pelos dois países “não fosse light”. Lula, que segundo fontes brasileiras, citadas pelo jornal argentino, aspira poder baixar o compromisso com o superávit firmado com o FMI dos atuais 4,5% para 3,75%, também não queria um texto leve, como aspiravam alguns integrantes do seu governo com perfil mais conservador como o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles e o número dois da Economia, Joaquim Levy. A interpretação dada pelo lado argentino é que o Brasil não queria reconhecer problemas com o superávit assumido com o FMI, de 4,5% que não lhe permitiu crescer nada em 2003, frente aos 3% de crescimento da Argentina.

### **Kirchner: “Para negociar é preciso ter capacidade transgressora”**

Nestor Kirchner, presidente da Argentina, depois de firmar o acordo com Lula, disse a um grupo de jornalistas que para “negociar, é preciso ter capacidade transgressora”. E acrescentou que,

além disso, é preciso agregar “racionalidade e uma boa administração”. A notícia é do jornal *Clarín*, 17-3-04.

### **EUA tentam enfraquecer reunião-chave da Unctad**

Os Estados Unidos e outros países ricos tentam esvaziar a grande reunião ministerial da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), marcada para junho, em São Paulo, de 14 a 18 de junho próximo. De acordo com o jornal *Valor Econômico* de 15-03-04, o governo Lula “deseja dar uma dimensão especial ao encontro, para o qual tenta atrair o maior número de presidentes e ministros da história da Unctad”. Mas os Estados Unidos “convocaram vários países latino-americanos, em Genebra, para adverti-los de que o Brasil, como anfitrião, tem uma agenda ambiciosa demais para o encontro em São Paulo”. Além disso, Washington quer evitar que a reunião da Unctad faça qualquer referência ao sistema multilateral de comércio e a Rodada de Doha, a negociação em andamento na OMC. Também bloquearam recentemente uma reunião por não aceitar a expressão “conhecimento tradicional”, estimando que isso poderia afetar direitos de propriedade intelectual.

### **Está em jogo o futuro do órgão**

“Em fins de abril, a negociação chegará ao auge em Genebra para definir o que afinal será colocado na mesa para os ministros dos 192 países membros. Está em jogo de fato o futuro da Unctad. Os ricos querem limitar a entidade a dar assistência técnica aos países pobres, ao invés de gastar dinheiro (deles) com análise sobre a situação econômica global ou estudos para apoiar os países em desenvolvimento nas negociações da OMC”. “Já o G-77, grupo de nações em desenvolvimento liderado este ano pelo Brasil, procura preservá-la como a única instituição do sistema das Nações Unidas que faz a sinergia entre comércio e desenvolvimento, financiamento, investimento e tecnologia. Nesse contexto, aumenta de importância a escolha do sucessor do brasileiro Rubens Ricupero na direção da Unctad”<sup>(3)</sup>. “Até agora, a maior participação de chefes de Estado numa reunião ministerial da Unctad ocorreu na África do Sul, em 1996: eles eram oito. O governo Lula chegou a ventilar a possibilidade de convidar 50 presidentes. Mas os convites vão partir do Palácio do Planalto só para quem antes disser que aceita”.

### **O fim da hora extra e a luta contra o desemprego**

Estudo do economista Márcio Pochmann, da Universidade de Campinas (Unicamp), revela que, se os 1,8 milhão de assalariados que tinham carteira assinada no Estado do Rio em 2002 tivessem cumprido apenas as 44 horas da jornada regulamentar de trabalho, 137.800 mil novos postos poderiam ter sido criados somente na região metropolitana da capital carioca. Em todo o País, pela mesma metodologia, 1,7 milhão de empregos poderiam ter sido criados com as horas extras trabalhadas naquele mesmo ano. A notícia foi publicada pelo jornal *O Globo*, 14-3-04. Segundo Pochmann, há duas formas de fazer com que as horas extras dêem lugar a novos empregos no País. Primeiro, com incentivos para que os sindicatos fechem acordos coletivos com as empresas que vetem a utilização de horas extras. A outra seria a criação pelo governo de uma sobretaxa, para penalizar as empresas que se valessem desse expediente. “São ações bem mais simples do que reduzir a jornada de trabalho de 44 para 40 horas, como defendem as centrais sindicais” - diz. Por outro lado, segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, 16-3-04,

---

<sup>3</sup> Rubens Ricupero, secretário-geral da Unctad, pronunciará a conferência de abertura do **Simpósio Internacional O lugar da teologia na universidade do século XXI**, no dia 24 de maio de 2004.



“levantamento do Dieese mostra que a redução da jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais teria potencial para criar 1,8 milhão de postos, e o fim das horas extras, 1 milhão”.

### **CUT e Força Sindical lançam campanha por redução da jornada para 40 horas**

De acordo com a **Agência Carta Maior** a campanha, lançada no último dia 15 de março, reuniu seis centrais de trabalhadores do País, com destaque para a Central Única dos Trabalhadores (CUT), de Luiz Marinho, e a Força Sindical, de Paulo Pereira da Silva, o Paulinho. Baseada em dados do Dieese (conferir nota acima), a redução da jornada “será defendida com o argumento de que ela pode ajudar a reduzir o desemprego”. (...) “Quanto ao aumento de custos de produção, o Dieese alega que a participação dos salários no custo das indústrias era de 22% em 1999, citando dados da Confederação Nacional da Indústria. Assim, um corte de 4 horas na jornada causaria um impacto de 1,99% nos custos totais. Essa diferença, também de acordo com o Dieese, poderia ser recuperada pelo aumento da produtividade do trabalho, que foi de 4,84% ao ano na última década”. “A campanha pela redução da jornada recebeu apoio público da (OIT) Organização Internacional do Trabalho, entidade ligada às Nações Unidas. Diretor da OIT no Brasil, Armand Pereira afirma que jornadas menores têm impacto positivo na queda do desemprego. Segundo ele, a França viveu uma experiência desse tipo nos anos 1990. Nesse período, a jornada foi reduzida paulatinamente para 39 horas e, em seguida, para as 35 atuais. A taxa de desemprego respondeu à medida e caiu de 12,5%, em 1997, para 11,7%, em 2003. (...) Mas Pereira faz um alerta. Para dar resultado, a diminuição da jornada deve ser parte de uma política ampla de combate ao desemprego.”

### **Primeira multa por plantio de transgênicos**

“O Instituto Ambiental do Paraná (IAP) fez a primeira autuação por plantio de transgênicos no Paraná. Um agricultor da região sudoeste do Estado vai pagar R\$ 10 mil porque plantou soja transgênica em local de manancial de abastecimento público. A multa é por desrespeito ao artigo 11 da Lei Federal 10814, conhecida como Lei de Biossegurança, que proíbe a utilização de agrotóxicos em área de manancial de abastecimento, terras indígenas e unidades de conservação”. “A área tem nove hectares plantados e está localizada na bacia de Jacutinga, que abastece o município de Coronel Vivida. Os técnicos do Instituto foram chamados por fiscais da Secretaria de Agricultura – SEAB - depois de vistoria que vem sendo feita pela SEAB para descobrir plantações transgênicas”. A notícia foi divulgada pela **Agência Brasil**, em 11-03-04.

### **‘Uma pandemia humana inevitável’**

Sob a manchete acima, o jornal francês **Libération**, 16-3-04, publica uma entrevista com Klaus Stohr, responsável pelo programa de ação mundial contra a gripe da Organização Mundial da Saúde. Segundo o jornal, o mundo deve, desde já, se colocar em pé de guerra para afrontar a pandemia que o ameaça, se o vírus da gripe do frango se ‘humanizar’. Essa é a mensagem radical que a Organização Mundial da Saúde – OMS – vai tentar passar aos governos durante a reunião de três dias que começou no dia 16 de março, em Genebra. Isso é tanto mais importante se se leva em conta que alguns países, vítimas da epizootia da gripe do frango, afirmam que controlam a situação. Para Klaus Stohr, “a questão não é saber se a gripe aviária vai se propagar, mas quando isso acontecerá. Será na próxima semana, num mês, num ano ou mais? A bomba, de efeito retardado existe e não podemos fechar os olhos sem que isso implique conseqüências dramáticas. A pandemia da gripe espanhola matou entre 40 e 50 milhões de pessoas, quando a humanidade era três vezes menos numerosa que hoje.” “Nós estimamos que entre 20% e 35% das pessoas serão contaminadas. Felizmente, nem todas em

graus graves. Nós estimamos que 6% contrairão uma pneumonia e 1% necessitará de hospitalização. Isso pode se traduzir em milhões de pessoas. Eis a realidade para a qual nós nos devemos preparar. Quer que vivamos na Europa, na África ou não importa em que lugar do globo, a resposta só pode ser global”, afirma Klaus Stohr.

### **Não há vacinas suficientes**

Segundo o responsável pelo programa de ação mundial contra a gripe da Organização Mundial da Saúde, “hoje, os estoques de antivirais são muito limitados. É preciso ampliá-los de quatro a seis vezes para dar conta da demanda. Isso significa que, no primeiro ano da pandemia, há o risco de que não se tenha medicamentos suficientes. Os governos terão que fazer opções médicas e éticas muito difíceis: quem será beneficiado com os medicamentos existentes e quem não?” Uma das finalidades da reunião de Genebra é discutir saídas para os países pobres frente à pandemia. “É necessário que os países pobres tomem consciência da situação e que comecem a apelar à comunidade internacional, ao G-8 e aos outros fóruns antes que seja tarde demais. Os medicamentos antivirais existem, ainda que com os seus limites. Mas, muitos deles são muito caros e existem em quantidades muito limitadas”, constata Klaus Stohr. Explicando os objetivos da reunião de Genebra, Klaus Stohr afirma que “um dos desafios é discutir medidas a serem tomadas quando a pandemia deslançar: será necessário fechar as escolas, os aeroportos, as fronteiras? São questões que têm conseqüências sanitárias, sociais e econômicas enormes. Um outro aspecto consiste na discussão de como adiar a propagação da pandemia. Nós estimamos que ela levará de dois a seis meses para se tornar global. Se nós conseguirmos adia-la por quatro meses, isso dará um tempo precioso para que os governos aumentem o número de vacinas e os antivirais disponíveis. A experiência mostra que são necessários, pelo menos, quatro meses para produzir uma vacina eficaz, em grande quantidade, contra um novo subtipo viral”. Klaus Stohr conclui a entrevista de maneira incisiva: “Devemos nos mobilizar face à perspectiva de uma pandemia. Não há tempo para perder”.

### **Microcréditos: Armas contra o terrorismo**

“Os microcréditos são, com toda segurança, uma arma chave contra o terrorismo”. A afirmação é de Mohamed Yunus (Bangladesh, 1940), o “banqueiro dos pobres” e fundador do Grameen Bank em entrevista ao jornal espanhol *El País*, 17-3-04. “Outras medidas repressivas não vão à raiz do problema do terrorismo, que é a extrema pobreza e a injustiça que reinam na maior parte do mundo”. O Grameen conta, hoje, com mais de três milhões de clientes. Os empréstimos se centram nas mulheres. “Elas são 95% dos nossos clientes. Elas lutam mais que os pobres contra a pobreza. São elas que geram uma saída da miséria para a família”. Para o banqueiro, “os pobres pagam melhor que os ricos, pois a inadimplência é de 2%”. Para conseguir um crédito, “o banco visita as pessoas em suas casas, vê como vivem. É o banco que vai ao encontro dos pobres, não o contrário. Não se assinam papéis, mas se estabelece um compromisso pessoal”, explica M. Yunus. Para ele, o sistema de avalista é perverso. “Ele serve unicamente para impedir que os pobres entrem num banco”. Yunus não é o proprietário do Grameen. Ele recebe um salário. O livro de M. Yunus, *\$O Banqueiro dos Pobres\$*, está publicado em português.

### **30 milhões de desdentados**

“Pesquisa divulgada dia 17 de março pelo Ministério da Saúde aponta que o País tem 30 milhões de desdentados. Desses, 4,9 milhões têm de 65 a 74 anos (o que representa 75% das pessoas nessa faixa etária). O estudo também indica que 36% dos idosos não usam dentadura e aponta baixo acesso da população a serviços odontológicos: 13% dos jovens nunca foram ao

dentista, índice que é de 3% entre adultos e 6% entre idosos. Para tentar combater o problema, o governo federal pretende investir R\$ 1,2 bilhão até 2006 no programa nacional de saúde bucal, o Brasil Sorridente, lançado dia 17 de março em Sobral (CE) pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelo ministro Humberto Costa. (...) Para Lula, problemas odontológicos são 'doença de pobre', por isso não eram incluídos em políticas públicas." (**Folha de S. Paulo**, 18-03-04)

### **CNBB cobra 'mudança radical' na economia**

Com esta manchete, o jornal **Folha de S. Paulo**, 19-3-04, noticia que "em sua mais contundente crítica ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) cobrou, dia 18 de março, do governo, uma 'mudança radical' na política econômica". Para D. Geraldo Majella Angnelo, cardeal primaz do Brasil e presidente da CNBB, "a fome e a miséria sempre existiram no Brasil. Porém, nunca foram tão visíveis como agora. Antigamente, a gente via pelas ruas a pobreza. Hoje, o que enxergamos é a miséria", disse o presidente da entidade, dom Geraldo Majella Agnelo. Para ele os pobres "não podem mais apertar os cintos". "A política econômica precisa atender, prioritariamente, aos problemas sociais do Brasil, que são muito grandes", afirmou.

### **19 de março de 1964. O dia em que a direita foi às ruas**

Sérgio Dávila, jornalista, evoca, numa bela reportagem, publicada na **Folha de S. Paulo**, 19-3-04, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* que levou milhares de pessoas às ruas de São Paulo. A reportagem traz à memória a figura do padre Peyton. O jornalista escreve: "Sob a bênção de John Fitzgerald Kennedy, o Departamento de Estado dos EUA recomenda a vinda do padre Peyton para o Brasil, de acordo com dossiê publicado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas". E continua: "Entra em cena um religioso de pele e cabelos muito brancos, nascido na Irlanda em 1909 e conhecido como 'o padre de Hollywood'. Pelo gosto por holofotes e multidões, Patrick Peyton era em tudo o padre Marcelo dos anos 60, só que com alcance mundial e uma obsessão pelo rosário." "A motivação religiosa da marcha foi fundamental e ainda está por ser estudada", diz Maria Aparecida Aquino, doutora em história social e professora de História Contemporânea da Universidade de São Paulo.

### **A Paixão de Cristo: aramaico quase perfeito**

"É de causar surpresa o resultado da reconstrução do aramaico falado no filme de Mel Gibson, *A Paixão de Cristo*. Causa surpresa mesmo - e apesar de - com toda a violência existente no filme". A avaliação é do professor doutor de aramaico do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP, Reginaldo Gomes de Araújo, em artigo publicado na **Folha de S. Paulo**, 19-3-04. Para ele, "além do trabalho de tradução do roteiro em inglês para o aramaico feito por um católico, o padre jesuíta William Fulco, os atores provavelmente tiveram um treinamento excepcional para articular o aramaico sem o sotaque do inglês americano, o que nem sempre é fácil".

### **Renda cada vez mais corroída**

Estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) mostra que a maioria dos acordos salariais de 2003 resultou em perdas para os trabalhadores. Dos 556 acordos e convenções coletivas de trabalho analisados, 321 (57,7%) representaram reajustes salariais abaixo da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). A notícia está publicada no jornal **O Globo**, 19-3-04. Segundo o jornal, "É a pior marca

desde 1996, quando o levantamento começou a ser feito. Até o ano passado, o pior resultado havia sido o de 1999, quando apenas 49,7% das categorias conseguiram repor a inflação. Em 2003, o percentual de acordos com índices iguais ou superiores à inflação foi de 42,3%". Para José Silvestre Prado de Oliveira, supervisor do Dieese, "os acordos refletem o cenário desfavorável da economia em 2003, com o desemprego alto e a atividade econômica baixa". Segundo ele, este quadro vai melhorar em 2004, mas não crê que haja espaço para uma recuperação de renda. O motivo é que, embora o juro tenha baixado e a atividade econômica tenda a crescer, as taxas de desemprego continuam altas, pois "as empresas podem fazer uso de horas extras para aumentar a produção sem precisar contratar".

## Frases da Semana

### **O atentado de Madrid: um divisor de águas!**

*"O atentado em Madri tende a irradiar mais reflexos sobre o mundo e seus poderes do que o ataque às torres de Nova York e ao Pentágono."* - Janio Freitas, jornalista, na coluna 'O novo poder' - **Folha de S. Paulo**, 16-3-04.

*"A guerra do Iraque é imoral, injusta e ilegal."* - Rodríguez Zapatero, primeiro-ministro eleito da Espanha - **Página 12**, 16-3-04.

*"O que aconteceu foi um divisor de águas. Vai mudar a maneira como a Al Qaeda pensa o mundo. Vai mudar a maneira como os europeus enxergam o mundo. Vai impor restrições à política americana nos anos futuros."* - David Brooks, jornalista, em artigo publicado no **New York Times** e reproduzido no jornal **Folha de S. Paulo**, 17-3-04.

### **Governo Lula**

*"O grande equívoco de um governo é achar que recebeu o mandato e se afastar do povo. O governante pode ser justo e santo, mas, sem a participação ativa da cidadania, dificilmente escapará de duas coisas terríveis: a burocracia e a corrupção."* - D. Mauro Morelli, bispo de Caxias - **Folha de S. Paulo**, 20-3-04.

*"É tempo de revermos a retórica conservadora e pouco responsável, imaginando que o mercado fará uma economia dinâmica e uma sociedade justa. Uma vez que já gastamos 30% do nosso mandato, o PT precisa levantar de imediato bandeiras sociais."* - Cristovam Buarque, senador, no artigo 'Tiro errado' - **O Globo**, 18-3-04.

*"Para servir bem ao Brasil, é imprescindível que o PT puxe o governo à esquerda, deixando Lula ser o centro das forças que apóiam seu governo. Mas tem que ser uma esquerda financeiramente responsável e socialmente comprometida, que passe a falar menos da economia e mais do povo, especialmente da pobreza e suas conseqüências."* - Cristovam Buarque, senador, no artigo *Tiro errado* - **O Globo**, 18-3-04.

### **Lula segundo Saramago: "Não sei exatamente quem ele é!"**

*"Lula não chegou a tornar-se um Dom Sebastião, e ainda bem. Mas agora não sei exatamente quem é. Tenho a impressão de que já deixou de ser o Lula que conhecíamos. O poder tem destas coisas, vira os políticos como se eles fossem uma peúga. A primeira viragem chama-se pragmatismo, a segunda oportunismo, a terceira conformismo. A partir daqui, o melhor é deixar de contar"* - José Saramago, prêmio Nobel de Literatura - **O Globo**, 20-3-04.

### **EUA compraram a PF**

“Os Estados Unidos compraram a Polícia Federal.” – Carlos Costa, ex-chefe do FBI no Brasil, em entrevista publicada na revista **Carta Capital**, 24-3-04.

“A verdade é esta: a vossa Polícia Federal é nossa, trabalha para nós.” – Carlos Costa, ex-chefe do FBI no Brasil, em entrevista publica na revista **Carta Capital**, 24-3-04.

### **Governo Kirchner**

“A economia cresceu mais do que se esperava” - manchete de primeira página do jornal argentino **Clarín**, 18-3-04, noticiando que o crescimento do PIB argentino em 2003 foi de 8,7%.

### **A má educação de Almodóvar**

“O desejo é o lugar mais escuro do coração, mas o mais límpido e o único que nos faz vivos.” – Almodóvar ao lançar o filme **La mala educación** – **La Repubblica**, 17-3-04.

“Estou cada vez mais sério e possivelmente cada vez mais triste. Tenho consciência dessa mudança, o que não sei é aonde ela vai me levar.” - Pedro Almodóvar ao lançar o seu último filme **La mala educación**, **O Globo**, 18-3-04.

### **A paixão de Cristo**

“Uma coisa me parece certa: sem o mistério (absurdo, como dizia Tertuliano) de um deus que teria aceitado viver um suplício horrível para redimir os pecados dos homens, o cristianismo não passaria de uma ideologia social-democrata. Ótimo e simpático, mas não precisa do Cristo para isso.” - Contardo Calligaris, psicanalista, no artigo *A paixão de Cristo* - **Folha de S. Paulo**, 18-3-04.

“A modernidade continua pendurando crucifixos nas paredes, mas prefere esquecer pudicamente a paixão representada. Se precisássemos da imagem de um corpo comum, seria mais um ginasta que um crucificado.” - Contardo Calligaris, psicanalista, no artigo *A paixão de Cristo* - **Folha de S. Paulo**, 18-3-04.

“A pergunta de Pilatos (‘Quid est veritas?’), irônica e perplexa, mostra o quanto *A Paixão de Cristo* é um paradoxo para a racionalidade humana. Ontem e hoje.” – Roberto Romano, filósofo, professor na Unicamp – **Folha de S. Paulo**, 19-03-04.

“Há um abismo entre as promessas de mudança feitas na campanha eleitoral e a ortodoxia do modelo econômico em vigor, que dá continuidade ao [modelo] do governo anterior e mantém o apartheid social intocável” – Roberto Busato, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB – **Folha de S. Paulo**, 22-03-04.

“A insegurança alimentar, a desnutrição e a obesidade atingem parcela significativa da população; 53 milhões de brasileiros e brasileiras vivem abaixo da linha da pobreza” – II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional na Carta de Olinda – **O Globo**, 22-3-04.

“O modelo de política macroeconômica vigente e o custo da dívida pública são identificados como as principais causas da insegurança alimentar e nutricional e da exclusão social” - II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional na Carta de Olinda – **O Globo**, 22-3-04.

“Este modelo causa a insuficiência de renda, o elevado nível de desemprego, a concentração da terra, a mercantilização da água, a precarização da educação, limita o acesso à alimentação e nutrição e impede uma vida digna para toda a população brasileira” - II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional na Carta de Olinda – **O Globo**, 22-3-04.

## ACONTECE

### SOCIEDADE DE CONTROLE

O Grupo de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) e Grupo de Pesquisa (GP) do CNPq, *Ética e Cidadania*, juntamente com o Programa de Pós-Graduação e o curso de Filosofia da Unisinos, apoiados pela Adunisinos e Cátedra Unesco, promovem o **II Encontro Nacional e I Simpósio Internacional do GT Ética a cidadania**, cujo tema é a **Sociedade de Controle: gênese crítica a alternativas ético-políticas**. O evento, que se realizará no auditório Maurício Berni, nas Ciências Jurídicas da Unisinos, inicia hoje, dia 22 de março, e estende-se até a próxima quarta-feira, dia 24 de março. Os professores Dr. Castor Bartolomé Ruiz e Dr.<sup>a</sup> Cecília Pires, do PPG em Filosofia da Unisinos são os organizadores da promoção. As inscrições custam R\$ 30,00. Será fornecido certificado.

Entre os palestrantes estão o Dr. Mauro Castelo Branco de Moura (UFBA), que falará sobre *Capital e Barbárie*; o Dr. Fernando Magalhães (UFPE), que abordará o tema *Teoria Crítica e barbárie, o futuro da sociedade administrada*; o Dr. José Maria Aguirre Oroá, que ministrará a conferência *Democracia, tolerância e fundamentalismo*; o Dr. Luigi Bordin (UFRJ) que apresentará o tema *Império e multidões no pensamento filosófico de Antônio Negri*; e a Dr.<sup>a</sup> Maria da Penha (Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro) que falará sobre *Filosofia e mulheres: implicações de uma abordagem da ética a partir de uma perspectiva de gênero*.

Os interessados podem obter maiores informações pelo telefone (51) 591-1122, na página [www.unisinos.br/extensao](http://www.unisinos.br/extensao) ou pelo e-mail: [eventos@unisinos.br](mailto:eventos@unisinos.br)

### 1964. UMA HISTÓRIA QUE NÃO DÁ PARA ESQUECER

Este é o tema do Ciclo de debates que o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT -, com sede em Curitiba, está promovendo nos dias 31 de março, 1 e 2 de abril, na Universidade Federal do Paraná. O ciclo visa a “recuperar o contexto socioeconômico, político e cultural do período de 1964, identificando as razões que motivaram o golpe militar e a reação da sociedade civil na perspectiva de melhor compreender o Brasil e o Paraná que hoje temos”. A programação é a seguinte: Dia 31 de março: *Razões e Desrazões do golpe de 1964* - Inácio Neutzling; Dia 1º de abril: *Abril de 64. Onde eu estava?* - Depoimentos de Cláudio Ribeiro, Tereza Urban e Wilson Previdi; Dia 2 de abril: *O golpe e a resistência no Paraná. Implicações para a política paranaense* - Léo de Almeida Neves, Walmor Marcelino e Milton Ivan Heller.

### O PENSAMENTO POLÍTICO E RELIGIOSO DE JOSÉ MARTÍ

Sob este título acaba de sair o terceiro número dos Cadernos IHU. O autor do caderno é o prof. Dr. Werner Altmann, mestre em Estudos Latinoamericanos (História) pela UNAM (México), doutor em História pela USP, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos. No caderno, o prof. Werner Altmann aborda os seguintes aspectos: 1.- O intelectual e a práxis revolucionária; 2.- Caracterização do pensamento de José Martí; 3.- Martí

e a temática religiosa; 4.- Martí, marxismo, teologia da libertação. Para maiores informações sobre o caderno: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br)

## ESCOLA DE FORMAÇÃO FÉ, POLÍTICA E TRABALHO

Iniciou-se, no último final de semana, a Escola de Formação Fé, Política e Trabalho, em Caxias do Sul, RS. A escola se desenvolverá em dez etapas durante todo o ano de 2004. Ela é uma promoção da Diocese de Caxias do Sul e do Instituto Humanitas Unisinos. Ela se destina para lideranças comunitárias, sociais, sindicais, agentes de pastoral, funcionários públicos e vereadores. O tema principal da primeira etapa é *Visão da realidade sócio-histórica da formação brasileira*, a cargo de Inácio Neutzling. José Ivo Follmann, José Roque Junges, Laurício Neumann, serão alguns dos outros assessores dessa Escola. 86 pessoas participaram da primeira etapa da Escola, cujos trabalhos foram abertos por D. Paulo Moretto, bispo de Caxias do Sul.

# EVENTOS IHU

## Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

### Abrindo o Livro

No dia 16 deste mês, aconteceu o evento Abrindo o Livro com a apresentação da professora Dr.<sup>a</sup> Ivete Leocádia Manetzeder Keil, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos, apresentando a obra *História da loucura*, de Michel Foucault. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 551p, na sala 1G119 do IHU. A professora focalizou sua abordagem nas três épocas sobre as quais Foucault estende seu olhar sobre a loucura. São elas: a renascença, a clássica e a moderna. Foucault defende a loucura como um fato cultural, e não como uma doença mental. Ele critica a razão normativa e reivindica que a loucura deve ser tratada de maneira que não implique o isolamento. A professora Ivete é graduada em Ciências Sociais, mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutora pela Université de Paris V (René Descartes), França, e pós-doutorada pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, também na França.

### Ecoss do evento

“Achei muito interessante. Foucault é uma figura extremamente questionadora de nossa sociedade. A professora Ivete soube explicá-lo muito bem. Ela tem uma trajetória muito rica. O IHU abre este evento no semestre com uma ótima apresentação. Eu tinha lido *A História da loucura* há tempo, mas sem nenhuma preparação e achei-a muito complexa. Agora a estou compreendendo melhor”.

*Alda Beatriz Fortes, professora aposentada.*

“A proposta é riquíssima. Este evento possibilitou que a professora Ivete trouxesse para mais próximo dos estudantes temas muito difíceis. Ela conseguiu abrir bastante o livro, traduzir uma obra muito complexa”.

*Rodolfo Pizzi, estudante de Psicologia da Unisinos.*

“Foucault levanta um tema muito polêmico como é a loucura. Ele o aborda de uma forma difícil e numa linguagem que, para muitos de nós, é pouco familiar e distante. A professora transformou o texto em idéias acessíveis à nossa época”.

*Cleci de Toni, estudante de Pedagogia da Unisinos.*

## IHU Idéias

No último dia 18 de março de 2004, o **IHU Idéias** teve como tema ***Evangelische Stift: uma escola para moças das melhores famílias***. A Prof.<sup>a</sup> MS Marlise Regina Meyrer, das Faculdades de Taquara, foi a responsável pela apresentação. A temática foi baseada na dissertação de mestrado da professora, que pesquisou o pensionato *Evangelische Stift*, situado no município de Novo Hamburgo e destinado para as moças evangélicas das famílias burguesas do Vale dos Sinos. A escola foi fundada em 1886 e existe até hoje, porém conhecida como Fundação Evangélica de Novo Hamburgo. Entre os tópicos abordados, Marlise enfatizou que o *Evangelische Stift* caracteriza o sistema excludente de educação existente na época, no qual havia uma distinção social muito grande. “O *Stift* preparava as moças evangélicas das melhores famílias para serem mulheres idealizadas pela burguesia, o contrário do que representavam as colonas”.

### Ecos do Evento

“É a primeira vez que venho ao **IHU Idéias** e achei muito interessante. O assunto abordado é muito curioso e possibilita uma análise comparativa com o sistema educacional atual. Considero muito importante o resgate cultural da educação sob esse aspecto das tradições”.

*Luciana Silveira, aluna do curso de Ciências Sociais da Unisinos.*

### MÍDIA E NOVAS RELIGIÕES É TEMA DO PRÓXIMO IHU

Na próxima quinta-feira, o tema da mídia televisiva como templo religioso será abordada no **IHU Idéias** pelo Prof. Dr. Antonio Fausto Neto, das Ciências da Comunicação da Unisinos, na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h. A apresentação se dá com base no projeto de pesquisa “Processos Midiáticos e construção de novas religiosidades”, realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Apoiado pelo CNPq e pela Unisinos, é conduzido pelos pesquisadores Antonio Fausto Neto, Pedro Gilberto Gomes e Atílio Hartmann, por meio de três subprojetos que estudam as dimensões discursivas, as dimensões históricas e o papel dos atores sociais na construção destes processos, através dos quais as novas religiosidades se fazem presentes ou permanecem na esfera pública. A primeira etapa desta investigação foi encerrada em fevereiro de 2004. A partir deste mês, foi iniciada uma segunda etapa, que se prorroga por mais dois anos, com estudos voltados para analisar as matrizes teóricas de comunicação que orientam as práticas de comunicação das instituições religiosas, bem como para os processos de recepção das teleemissões.

O professor Antonio Fausto Neto apresentará no **IHU Idéias** da próxima quinta-feira aspectos do subprojeto que trata das dimensões discursivas, que é parte do projeto de pesquisa “Processos Midiáticos e construção de novas religiosidades”.

### Confira a programação do **IHU Idéias** para o mês de abril:

**01/04/04** – “Paixão: desde a Idade Média até o século XX” – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok – Professora na UNESP



**15/04/04** – “A casa das sete mulheres: literatura, história e trivialidade” - Prof. Dr. Mário Maestri – Professor na UPF

**22/04/04** – “Os arquivos de repressão das ditaduras de Segurança Nacional” - Prof. Enrique Serra Padrós - Professor e doutorando na UFRGS

**29/04/04** – “Idéias de democracia no Brasil, 1965-1987: MDB/PMDB X PT?” – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sirlei Teresinha Gedoz – Professora na Unisinos

## **Paixão segundo São Mateus: 'uma verdadeira celebração perceptiva'**

**A Unisinos oferece a programação de Páscoa a seguir, gratuita e aberta à comunidade em geral. Participe!**

Evento: IHU Idéias – Paixão: desde a Idade Média até o século XX– Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok – Professora na UNESP.

Dia: 01 de abril

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos

Evento: Audição Comentada de trechos da obra “Paixão de N.S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus”, de Johann Sebastian Bach – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok – Professora na UNESP

Dia: 02 de abril

Horário: 8h30min às 11h30min

Local: Miniauditório da Biblioteca da Unisinos

Evento: Audição Comentada de trechos da obra “Paixão de N.S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus”, de Johann Sebastian Bach – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok – Professora na UNESP

Dia: 02 de abril

Horário: 19h às 22h

Local: Auditório da Antiga Sede da Unisinos

Rua Brasil, 275 – Centro – São Leopoldo

Evento: Concerto de Páscoa “Paixão de N.S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus”, de Johann Sebastian Bach

Regente: João Paulo Sefrin

Dia: 04 de abril

Horário: 20h

Local: Anfiteatro Pe. Werner – Unisinos

Evento: Concerto de Páscoa “Paixão de N.S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus”, de Johann Sebastian Bach

Regente: João Paulo Sefrin

Dia: 07 de abril

Horário: 20h

Local: Teatro Dante Barone – Assembléia Legislativa – Porto Alegre

## Sala de Leitura

Na próxima edição de **Sala de Leitura**, dia 23 de março de 2004, na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h, será apresentado, pelo autor, o livro **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na História**, do professor Dr. Hilário Henrique Dick (São Paulo: Loyola, 2003, 307p.), articulador do Grupo Temático Juventude, do IHU, e coordenador do Curso de Especialização em Juventude da Unisinos. Hilário Henrique Dick também participa da Rede Latino-Americana de Pesquisadores em Juventude. Doutor em Literatura Brasileira, há 30 anos acompanha grupos de jovens. Reproduzimos a seguir uma sinopse da obra, publicada na contracapa do livro:

A fim de resgatar o poder dos jovens, analisando como aparece, se revela e se esconde a “onda juvenil” na luta pela afirmação de seu protagonismo histórico, *Gritos silenciados, mas evidentes* descreve a manifestação da juventude ao longo da história do mundo ocidental. A “onda juvenil” pode ser encontrada de diversas formas: na cultura, na vida social, na psicologia, na sociologia e na política. Após considerações iniciais concernentes ao debate sobre juventude, “juventudes”, ou juventude e adolescência, o autor percorre o itinerário histórico da “onda juvenil”: na antigüidade, aborda as juventudes judaica, grega e romana; nos últimos três séculos, apresenta a juventude em meio à Revolução Industrial e ao totalitarismo; os dois últimos capítulos são dedicados à juventude brasileira. A juventude – de 14 a 29 anos – descrita nesta obra, apresenta uma faceta rara de ser encontrada nos estudos acadêmicos e didáticos.

**A seguir, o comentário da professora Carmem Lucia Teixeira, da Unisinos, igualmente publicado na contracapa do livro:**

*“O livro me encantou. Tenho certeza de que, pela beleza e sensibilidade que salta das letras, ele também o encantará. Há certos livros que escondem a magia de abrir e provocar nossa janela da imaginação, fazendo-nos ir mais longe do que está escrito. Gritos silenciados, mas evidentes vai muito além da temática da presença da juventude na história, e quem realiza este sonho são os jovens. Estamos diante de um viés novo que nos faz descobrir coisas que imaginávamos, mas ninguém abria a porta ou corria a janela para contemplarmos uma paisagem antiga com olhos novos”.*

## Formação Cidadã

Promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos o projeto **Formação Cidadã** pretende colaborar para o desenvolvimento social, político, cultural e econômico das pessoas sem recursos financeiros e que, por isso, ficam à margem dos sistemas de educação superior, o que lhes possibilita exercer a cidadania com mais autonomia. O curso visa não apenas à preparação para o vestibular, mas também pretende suprir deficiências de aprendizagem dos participantes e prepará-los para o exercício da cidadania. Podem participar todos interessados da comunidade interna e externa da Unisinos. As aulas iniciam hoje, dia 22 de março e estendem-se até 24 de junho. Acontecem de segunda a sexta-feira, na sala 1B101, nas Ciências Humanas da Unisinos. Será fornecido certificado ao participante que tiver, no mínimo, 75% de frequência.

A comissão coordenadora do projeto é constituída por Janira Aparecida da Silva, Laurício Neumann, Lauro Edeberto de Souza, Mardilê Friedrich Fabre e Vanderlei Backes. Estes e todos os professores ministrantes exercem suas atividades como voluntários do projeto. Maiores

informações podem ser obtidas através do telefone (51) 590.3333, ramais 4021 e 4128, ou através dos e-mails [mardile@poa.unisinos.br](mailto:mardile@poa.unisinos.br) e [lauro@poa.unisinos.br](mailto:lauro@poa.unisinos.br)

**A seguir, o cronograma das aulas e os professores ministrantes:**

Redação: segundas-feiras – 16h45 – 17h45 – Mardilê F. Fabre

Interpretação de Textos: quartas-feiras – 16h45- 17h45 – Lauro Dick

História: terças-feiras – 16h45 – 17h45 – Eloísa Capovilla Ramos e José Alberto Baldissera

Biologia: sextas-feiras - 16h45 – 17h45 – Gelson Fiorentin

Matemática: terças-feiras - 17h45 – 18h45 – Carlos Alberto Gianotti; e sextas-feiras - 17h45 – 18h45 – Cláudio Marques

Espanhol: quartas-feiras – 17h45 – 18h45 – Silvia Foschiera

Física: quintas-feiras – 16h45 – 18h45 – Rosa Grings e Renato Becker

## Ciclo de estudos sobre Michel Foucault

Com o apoio dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas e em Filosofia da Unisinos, e por ocasião do vigésimo aniversário da morte de Michel Foucault, o Instituto Humanitas Unisinos oferece à comunidade universitária um evento que pretende aprofundar o pensamento de Michel Foucault, conceitos ordenadores, categorias histórico-sociais e seu método arqueológico, observando suas particularidades e reais contribuições para uma análise da racionalidade emergente na sociedade contemporânea. A inscrição pode ser feita no setor de Admissão e Matrícula da Unisinos. A taxa é de R\$ 170,00 à vista ou parcelado em até 3 vezes. Será fornecido certificado aos participantes que tiverem, no mínimo, 75% de frequência.

**A seguir, parte do programa do Ciclo:**

**Tema: Foucault, a filosofia e a literatura**

Prof. Dr. Roberto Cabral de Melo Machado – Professor na UFRJ

Data: 01 de abril

Horário: 19h45min às 22h

Local: Auditório Central

**Tema: Figuras do poder: entre disciplina e controle**

Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi – Professor na UFRGS

Data: 22 de abril

Horário: 14h às 17h

Local: Sala 1G119

## Inclusive – Movimento contra a exclusão social

Coordenado pelo Prof. MS Sérgio Endler, das Ciências da Comunicação da Unisinos, o ciclo gratuito de painéis **Inclusive – Movimento contra a exclusão social** é mais uma opção oferecida pelo Instituto Humanitas Unisinos à comunidade universitária. Ele pretende possibilitar melhor diálogo da comunidade acadêmica com a temática em foco, a partir da concepção do espaço humano como lugar onde o sujeito é protagonista em qualquer situação social, mesmo

dentro de uma sociedade contemporânea fortemente marcada pela injustiça e desigualdade social. Assim, a academia habilita-se a criar outro espaço para a cidadania e o diálogo entre diferentes pessoas de modo a desenvolver, igualmente, melhor nível de compreensão dos fenômenos sociais, qualificando níveis de consciência e massa crítica de todos os atores participantes. Se o excluído social deve ser protagonista, também, da sua inclusão, que é ao mesmo tempo cidadã e coletiva; cabe ao espaço acadêmico também ser protagonista, incluindo-se, de modo qualitativo, no processo de iluminação e debate dos problemas sociais contemporâneos.

O primeiro painel, que acontece das 17h às 19h do dia 29 de março, na sala 1G119 do IHU, terá como título *A construção da igualdade no campo*. Enriquecendo a discussão, estarão Isabela Cristiane Braga e Luiz Adinan Rodrigues Nascimento como representantes do Acampamento Santa Vitória, de Arroio dos Ratos, André Francisco Onuczak, como representante da Coordenação Estadual do MST/RS, e o Prof. Dr. Inácio Neutzling, professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos e coordenador do IHU. Ao final, haverá abertura para o debate com o público.

O segundo painel, com data marcada para o dia 26 de abril, no mesmo horário e local anteriormente mencionados, discutirá o tema *Justiça e cidadania nas ruas*. Estarão presentes André Luis Cardoso de Araújo e José Nedir Malta Ramires, integrantes do Jornal Boca de Rua; Rosina Duarte, representante da Agência Livre para Infância, Cidadania e Educação (ALICE); e Prof.<sup>a</sup> Marta Regina Ciocari, professora das Ciências da Comunicação da Unisinos.

## Celebração das Águas

O Dia Internacional da Água será marcado pela Unisinos com a Celebração Inter-religiosa das Águas, evento inserido nas atividades da Campanha da Fraternidade 2004 da Universidade. A celebração acontece hoje, dia 22 de março, a partir das 18h, às margens do Rio dos Sinos, tendo como local central de celebração o Barco Martim Pescador (em frente ao Clube Humaitá, próximo à Secretaria do Meio Ambiente). Quem promove é o Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo – Gdirec, do IHU, a Secretaria do Meio Ambiente de São Leopoldo e o Instituto Martim Pescador. Representantes e seguidores de diferentes religiões e orientações religiosas irão celebrar a água como bem fundamental de cada ser vivo e como patrimônio público mundial. Na programação haverá música, lava-pés, oração, leitura bíblica e reflexão sobre o tema da Campanha da Fraternidade 2004: *Água como fonte de vida*.

## IHU REPÓRTER

### Nestor José Mayer



*Nestor José Mayer, natural de Feliz, filho de pais agricultores, que posteriormente passaram a trabalhar e gerenciar uma cooperativa rural no interior do município, incorporada, anos depois, à Coapel (Piá) de Nova Petrópolis. Mais velho de três irmãos, é aposentado, e sua relação com a Universidade começou em 1974, quando passou no vestibular para o curso de Administração. Atualmente não é aluno nem funcionário, mas aproveita, de maneira singular, os cursos de*

extensão e os eventos do Instituto Humanitas Unisinos. No IHU *Idéias*, no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, no *Ciclo de Estudos sobre Sociedade Sustentável*, e “*agora estou pensando em me inscrever no Ciclo de Estudos sobre “O método”, de Edgar Morin*”, comenta. Nestor é atualmente diretor de acervo e pesquisa da Fundação Cultural de Canoas, atividade voluntária que exerce após sua aposentadoria. Casado há 25 anos e com duas filhas, Nestor dedica grande parte de tempo a continuar sua formação fazendo o Curso de Graduação em História, na Ulbra e aproveitando as diversas oportunidades que se lhe apresentam.

**Trajectoria-** Aos 11 anos, entrei no Juvenato dos irmãos Maristas depois fui para Canela a fazer o que chamávamos de Ginásio. Posteriormente, cursei o científico no colégio Rosário em Porto Alegre, trabalhei em colégios maristas como auxiliar de secretaria e secretário. Fiquei junto aos irmãos maristas até os 19 anos, depois saí e, aos 20 anos, fui trabalhar no Banco do Estado do Rio Grande do Sul – Banrisul e, posteriormente, na Caixa Econômica Federal, onde fiquei 24 anos. Meu primeiro contato com a Unisinos foi em 1974, quando passei no vestibular do curso de Administração. O Câmpus não era asfaltado. Descíamos na Federal e, às vezes, caminhávamos até aqui. Nesse percurso conheci a minha esposa Neiva. Ela cursava Letras. Vínhamos juntos de ônibus. Estamos casados há 25 anos e temos duas filhas: Caroline, 23, estuda Nutrição aqui na Unisinos e Cíntia, 20, estuda Ciências da Computação no Unilasalle.

**Formação-** Terminei o curso de Administração na Faculdade Porto-Alegrense. Permaneci ligado à Unisinos por diferentes cursos de Extensão. Meu pai era muito influenciado pelos jesuítas, na minha infância recebíamos sempre o **Livro da Família** e sempre tive admiração pelos jesuítas e pela Unisinos. Atualmente estou fazendo curso de Graduação em História na Ulbra. Após ter descoberto o Ciclo de Estudos sobre Sociedade Sustentável, no qual participei, tento estar quase semanalmente nos eventos do IHU.

**Profissão-** Fui morar no interior na região das Missões quando nomeado gerente da agência do Banrisul de lá. Posteriormente fui transferido para o município de São Lourenço do Sul e depois para Canoas. Aposentei-me no Banco e comecei a colaborar como voluntário na Fundação Cultural de Canoas. A Fundação tem por objetivo difundir a cultura no município, aproximando a música, a arte, o teatro, a dança, a literatura das populações mais carentes. Eu sou diretor de acervo e pesquisa: editamos livros sobre os prefeitos de Canoas, tentando reconstruir a memória administrativa do município.

**Autor-** Leonardo Boff.

**Livro-** *O despertar da águia*, de Leonardo Boff. Acho que é uma síntese de seu pensamento.

**Filme-** *A vida é bela*, de Roberto Benigni. Ele ensina como sobreviver no meio de uma situação tão difícil, como ver a vida de outra forma.

**Nas horas livres-** leio, escuto música clássica, trabalho no sítio onde moro com minha esposa, no município de Nova Santa Rita.

**Um presente-** Livros.

**Um grande sonho-** Ainda fazer um mestrado e uma viagem aos lugares históricos, como Grécia, Terra Santa. Claro que a gente sempre deve sonhar com um mundo melhor e hoje me inspiro na proposta holística, na busca da compreensão do ser humano, sua evolução histórica

e principalmente sua ação sobre o meio ambiente, que vem acarretando sérios problemas para a sobrevivência futura da vida no Planeta.

**Momento feliz-** Acho que há muitos momentos marcantes, como o casamento, o nascimento de filhos, a graduação na faculdade, etc., enfim a vida é um crescendo rumo a realizações e alegrias, à medida que a gente se dispõe para tal.

**Momento mais difícil-** Acho que foi quando da instauração do plano Collor. Eu era gerente do banco e vivemos uma situação de caos, pois ocorreu troca de moeda, bloqueio de dinheiro. Tive que explicar às pessoas que seu dinheiro estava bloqueado e, às vezes, eram casos de urgência que precisavam desse dinheiro para tratamentos médicos, por exemplo. Levou um bom tempo para sair daquela situação. Mas de qualquer forma, a vida sempre nos apresenta situações desafiadoras.

**Unisinos-** Uma universidade jesuítica contemporânea, sintonizada com a realidade. Integra todas as áreas: do saber, da natureza, do humano. Está presente nas mudanças, na evolução da sociedade. É um grande patrimônio cultural e científico do RS e do Brasil.

**IHU-** Um espaço importante para a comunidade acadêmica dialogar e aberto à Comunidade. A concepção do IHU é um projeto muito avançado que muita gente ainda não descobriu. Eu aproveito muito o **IHU On-Line**. Ele me serve de inspiração para diversos artigos que escrevo no Jornal Timoneiro de Canoas, e nos jornais de Bom Princípio e Nova Santa Rita. Fiz, por exemplo, um artigo sobre Simone Weil, a quem conheci através do boletim que teve diversas repercussões. Também escrevi sobre a cultura do automóvel e reproduzi trechos com comentários da entrevista com Gianni Vattimo e vários outros temas do boletim IHU de que não me lembro agora.

## Sala de Leitura



“Estou lendo **Desenvolvimento em crise: a economia brasileira no último quarto do século XX**, de Ricardo Carneiro, editado pela Editora UNESP e Instituto de Economia – UNICAMP em 2002. O autor é pesquisador e professor do Instituto de Economia da UNICAMP, onde leciona disciplinas da área de Economia Brasileira Contemporânea nos cursos de graduação e pós-graduação, além de desenvolver pesquisas no Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica do instituto. O livro, portanto, é o resultado das atividades do autor como professor e pesquisador. O interessante da análise que faz a respeito da economia brasileira nas últimas décadas do século XX é que, para explicar a trajetória da economia brasileira e suas transformações estruturais, considera os fatores internacionais e os internos”.

*Prof. Dr.ª Maria Cristina Passos, mestre e doutora em Economia e professora das Ciências Econômicas da Unisinos.*



"Costumo ler e reler vários livros num mesmo período. Dentre os que estou lendo, no momento, destaco a obra **Do Avesso ao Direito**, lançada em São Paulo, pelo Instituto Ayrton Senna e Pró-Cultura em 2003. Trata-se de um trabalho que nos leva a conhecer mais de perto a realidade em que são realizadas diferentes ações socioeducativas, através de projetos sociais espalhados pelo Brasil. A leitura nos leva a diversos lugares, fluindo de forma

muito agradável. O texto, escrito por Paloma Klisys, contém depoimentos de crianças, jovens e adultos sobre as suas vidas, e é enriquecido com imagens captadas pela lente de Iolanda Huzak. É um trabalho ímpar, apresentado nas versões português e inglês, que dedica um capítulo exclusivamente a um ensaio fotográfico belíssimo. A obra está me encantando por trazer uma visão positiva sobre a dura realidade brasileira, apontando que, com o querer e a união de esforços, é possível a vida humana passar do avesso ao direito."

*Prof.<sup>a</sup> MS Suzana Schuch Santos, mestre em Educação, coordenadora do Projeto Escolinhas Integradas (PEI) e professora no curso de Educação Física da Unisinos.*

## Cartas do Leitor

Amigos do IHU - Informativo.

Recebemos e agradecemos o nº 92 em memória de nosso amigo P. Hauser. Parabéns por este e por todos os números do Informativo.

Pela Residência São José  
P. Eloy Oswaldo Guella

## Enquete no sítio do IHU

O sítio do Instituto Humanitas Unisinos ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)), além de atualizar diariamente informações sobre assuntos do interesse da sociedade e da academia, semanalmente faz uma enquete. Trata-se de um espaço interativo no qual é colocado um assunto que tenha a ver com os fatos da semana ou os temas debatidos no boletim **IHU On-Line**. Acompanhe os resultados da última enquete e dê sua opinião no debate da próxima semana.

**Pergunta:** *Nesta semana (dia 19) ocorrerá a estréia brasileira do filme 'A Paixão de Cristo', de Mel Gibson. A obra vem sendo criticada pela violência das cenas que mostram as 12 horas que precedem a crucifixão de Jesus Cristo. No IHU On-Line da penúltima e desta semana S. Zizek e René Girard discutem a violência do filme. Na sua opinião:*

- mais do que o sofrimento de Cristo, o filme deveria ressaltar seu amor pela humanidade 18.75%
- relativizar ou esquecer a violência sofrida pelo Cristo é 'descafeinar' o seu amor pela humanidade 31.25%
- as cenas de violência explícita são inconvenientes, pois remetem à violência contemporânea fomentando-a 50%

### Comentários:

*"De ver tanta violência e também violência impune, a tendência é a de banalização. Parece que o 'natural' é ser violento, de agir de forma violenta e com isso ficamos cada vez mais longe da nossa humanidade. Cenas de violência não contribuem para a nossa humanização".*

“A violência de ser combatida em todas as suas formas”.

“As cenas de violência nos remetem aos limites impostos a nossa liberdade”.

“A cultura da solidariedade é sufocada sistematicamente com tantas cenas de violência explícita. A mensagem que fica ou que se busca passar é: a violência vence. Ela é forte e impactante”.

**EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuinfo@poa.unisinos.br](mailto:ihuinfo@poa.unisinos.br) . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br) . Ramais: 1173 e 1195.*



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS